

Fortes D'Aloia & Gabriel

www.fdag.com.br | info@fdag.com.br

SP-Arte 2022

Stand F8

06 - 10 Abr

Adriana Varejão | Anderson Borba | Barrão | Carlos Bevilcqua | Cristiano Lenhardt
Efrain Almeida | Erika Verzutti | Ernesto Neto | Gokula Stoffel | Iran do Espírito Santo
Jac Leirner | Janaina Tschäpe | João Maria Gusmão & Pedro Paiva
Judy Chicago | Leda Catunda | Luiz Zerbini | Márcia Falcão | Mauro Restiffe | Nuno Ramos
OSGEMEOS | Rivane Neuenschwander | Rodrigo Cass | Sarah Morris
Tiago Carneiro da Cunha | Valeska Soares | Wanda Pimentel | Yuli Yamagata

Adriana Varejão

Rio de Janeiro, 1964

Adriana Varejão apresenta reflexões incisivas sobre a natureza complexa da história, da memória e da cultura brasileira. Sua obra abrange pintura, escultura e fotografia e se baseia em um intercâmbio transnacional para criar uma confluência de formas que ela concebe como uma metáfora para o mundo moderno. Utilizando táticas barrocas de simulação e justaposição, Varejão reflete sobre o pluralismo mítico da identidade brasileira. Seu interesse pelo azulejo e seu legado como metáfora da miscigenação cultural é elemento central de seu corpo de trabalho.

'Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas' — a maior mostra já dedicada a obra da artista — está em exposição na Pinacoteca de São Paulo até dia 01 de Agosto de 2022.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



ADRIANA VAREJÃO

Tubo, 2008

Óleo e gesso sobre tela [Oil and plaster on canvas]

110 x 330 cm [43 x 129 in] | Tríptico [Triptych]

Sob Consulta [Upon Request]

[Reserved]

“O azulejo, que aparece em suas obras desde 1988, se torna um campo central de experimentação formal enquanto material, imagem e objeto físico; hoje, talvez seja conhecido como o elemento mais emblemático da poética de Varejão.”

— Jochen Volz

Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas
Pinacoteca de São Paulo, 2022

ADRIANA VAREJÃO
Tubo, 2008
Detalhe [Detail]



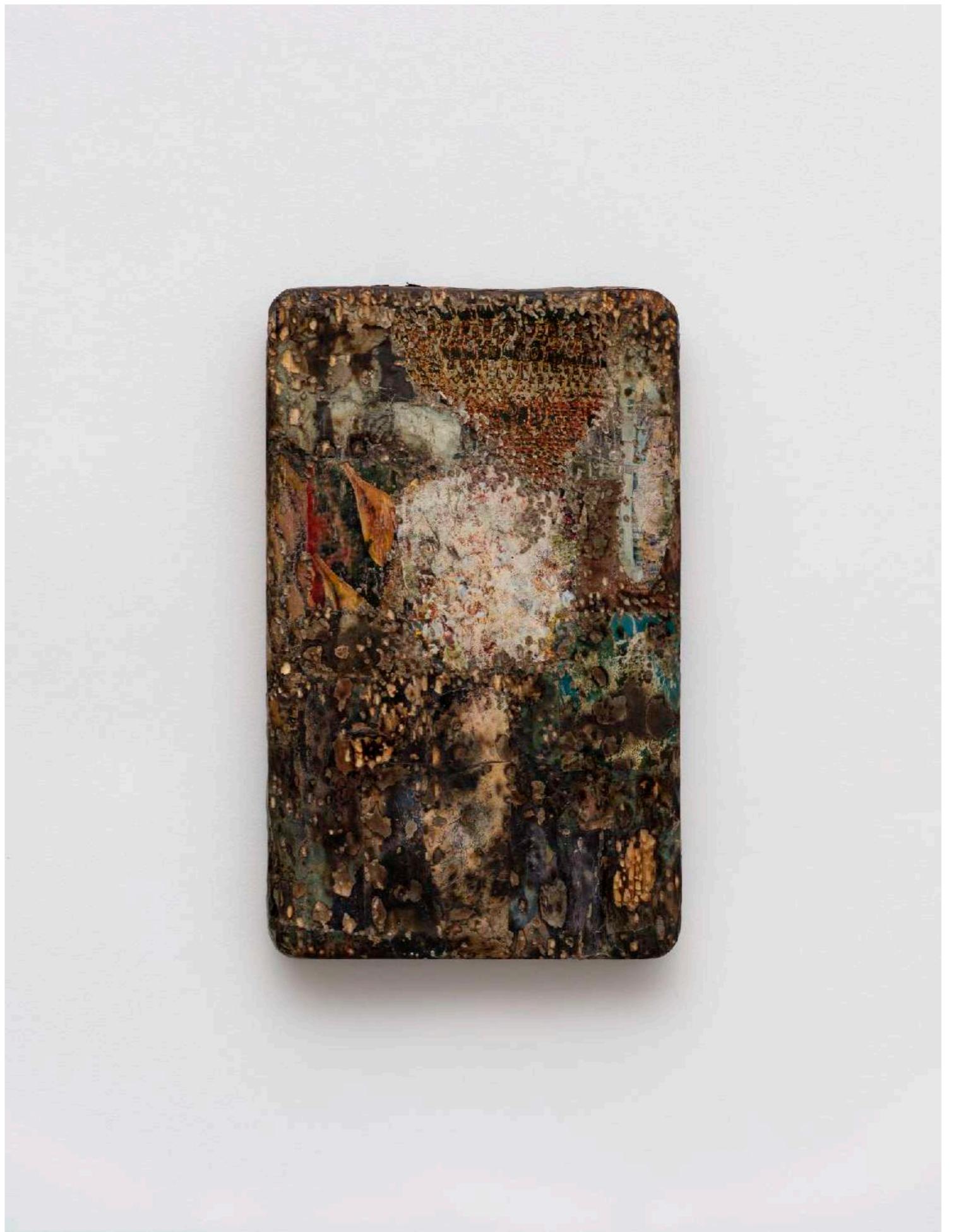
Anderson Borba

Santos, 1972

Os materiais são o ponto de partida para as esculturas de Anderson Borba, que empregam madeira industrializada, papelão e tecido, bem como antigas revistas de moda e lifestyle. Impulsionado por uma imagem mental, o artista talha, queima, pinta, prensa e manipula seus materiais em uma construção orientada pelo processo, que alude à figura humana como referência para decisões formais, resultando em formas corporais ásperas, rachadas, mas sedutoras. Influenciado tanto pelo cânone histórico da escultura, quanto pelos autodidatas do interior do Brasil, Anderson Borba opera em um complexo arranjo entre conceito e empirismo, deslocando e desdobrando o corpo físico até o ponto de uma abstração antropomórfica.

Anderson Borba abre exposição individual no Galpão em junho.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



ANDERSON BORBA

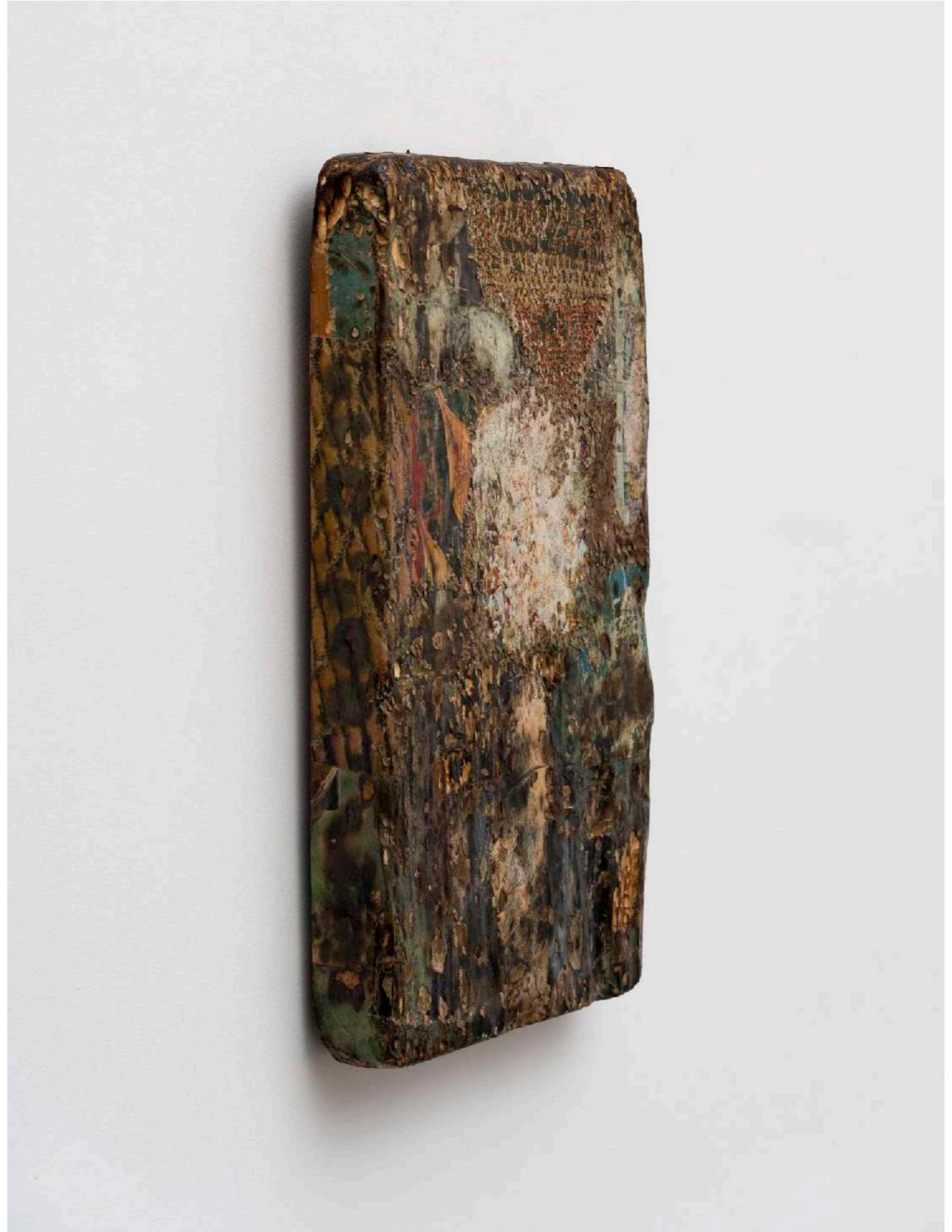
Mil Cabeças, 2022

Madeira, revistas, óleo de linhaça, verniz

[Wood, magazines, linseed, oil, varnish]

22 x 36 cm [8,5 x 14 in]

[SOLD]



ANDERSON BORBA
Mil Cabeças, 2022

“Minha prática favorece a construção da forma. Eu uso um vocabulário cultural diverso para investigar a sexualidade e a identidade por meio da conexão tátil com o material. Reutilizo madeira proveniente das ruas e exploro sua fisicalidade e textura, reconhecendo a riqueza ancestral desse material descartado. Seus aromas, suas texturas e seus nós funcionam como estratificações do tempo.”

— Anderson Borba

Em depoimento a Fortes D'Aloia & Gabriel

ANDERSON BORBA

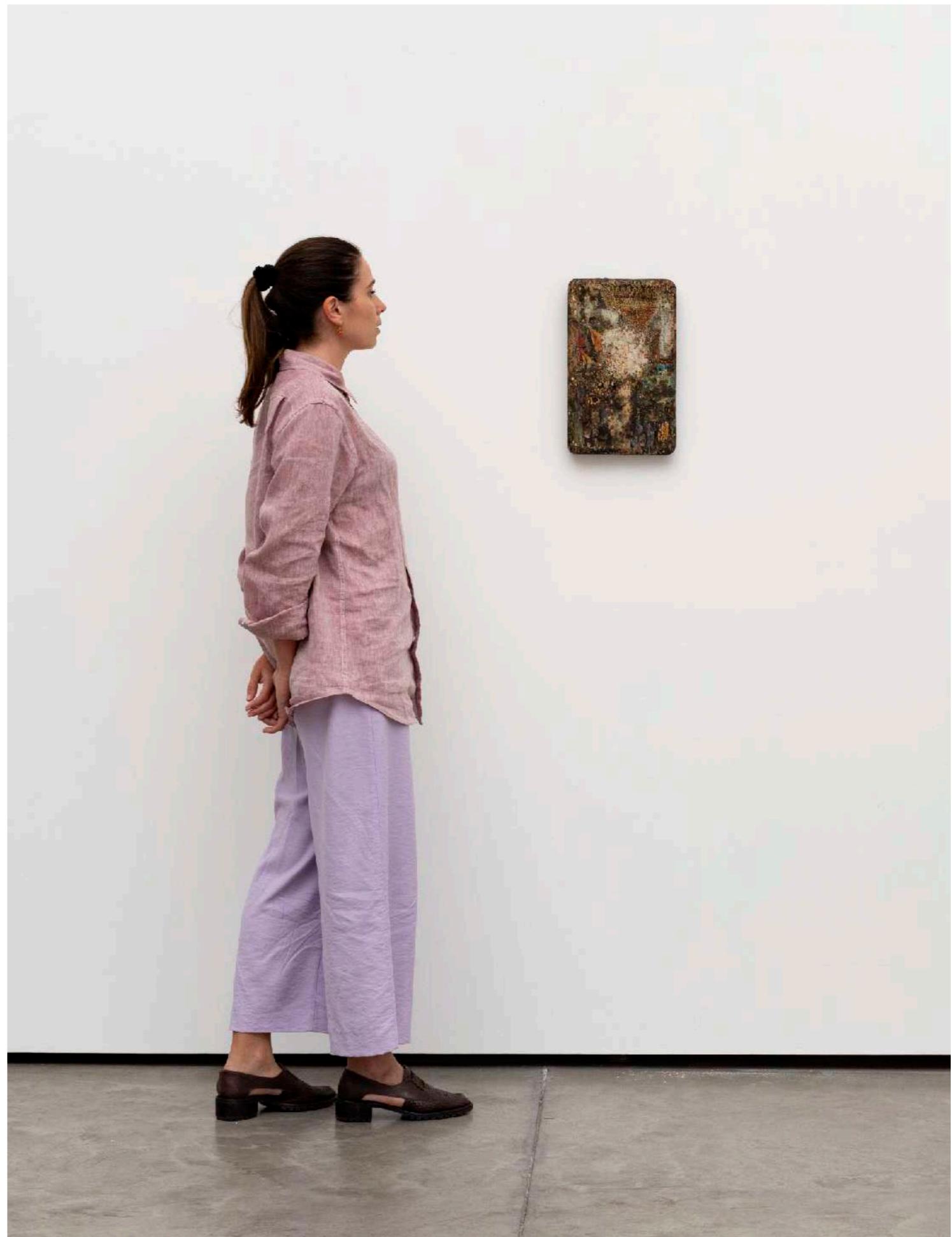
Mil Cabeças, 2022

Detalhe [Detail]



ANDERSON BORBA
Mil Cabeças, 2022
Detalhe [Detail]





ANDERSON BORBA
Mil Cabeças, 2022

Barrão

Rio de Janeiro, 1959

Concebidas a partir de um processo próprio de bricolagem, as esculturas de Barrão são compostas por peças de cerâmica e porcelanas de origens e naturezas diversas, colecionadas pelo artista há pelo menos duas décadas. Intencionalmente quebrados no ateliê, objetos antes funcionais ou decorativos – como xícaras, vasos, souvenirs e afins – são então reconfigurados, fundindo-se uns aos outros em engenhosas composições que resultam em seres híbridos, desprovidos de suas aplicabilidades anteriores. Uma vez reagrupadas, as peças subvertem, portanto, o sentido da bricolagem, tornando-se obras que desafiam a lógica decorativa, evocando a visualidade, o exagero e o humor, típicos do kitsch.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



BARRÃO

Patuá, 2022

Louça e resina epóxi [Porcelain and epoxy resin]

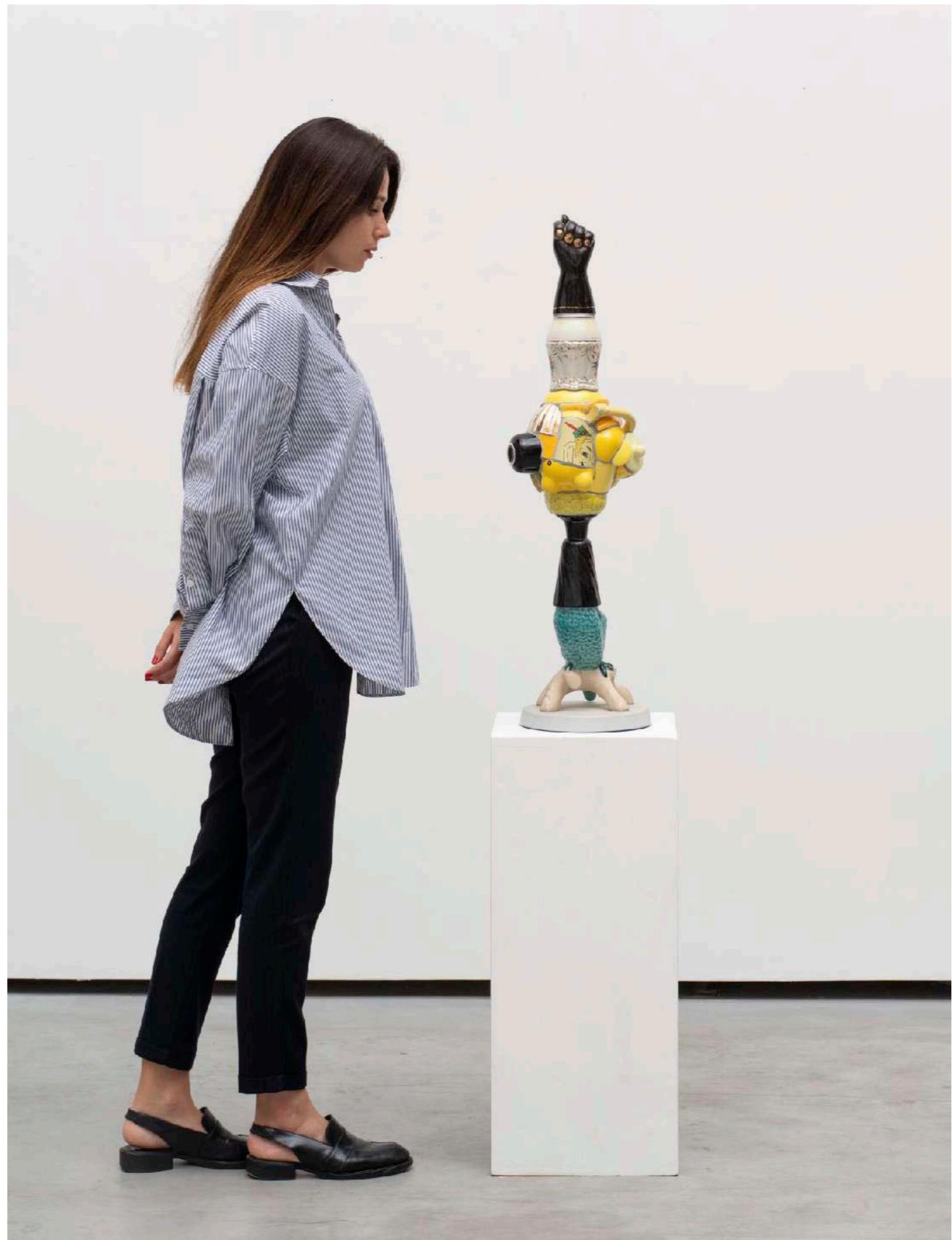
85 x 24 x 23 cm [33,46 x 9,44 x 9 in]

"A atmosfera kitsch do anão de jardim ou da caneca decorada de um time de futebol ganha nova escala, dimensão e sentido na obra de Barrão. Culturas, memórias e histórias são criadas e mixadas a partir da junção e colagem de objetos que possuem as mais diversas origens. As funções utilitárias e de decoração desses objetos são apagadas em detrimento de uma atmosfera que reverbera contradições, fraturas, e incentiva uma constante transformação do nosso olhar frente a um mundo ordenado e cada vez menos afeito às diferenças."

— Felipe Scovino
Zerbini, Barrão, Albano
Santander Cultural, 2017

BARRÃO
Patuá, 2022
Detalhe [Detail]





BARRÃO
Patuá, 2022

Carlos Bevilacqua

Rio de Janeiro, 1965

A prática escultórica de Carlos Bevilacqua é pautada pela investigação das propriedades abstratas do espaço, ao passo em que o artista explora as diferentes possibilidades materiais de elementos diversos e muitas vezes de naturezas díspares. O artista utiliza materiais como aço, madeira, vidro, pedras e afins em delicadas composições que desafiam a própria natureza da escultura. Tensionando as propriedades inerentes a estes materiais e explorando as relações harmônicas ou conflitantes resultantes de seus encontros, Bevilacqua testa os limites físicos da matéria até o momento preciso em que as tensões encontram seu ponto de estabilidade. Ao sugerirem rotas circulares no espaço, as obras arquitetam improváveis associações entre volume e vazio, equilíbrio estático e energia potencial.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



CARLOS BEVILACQUA

Aglomerado 4 Azul, 2022

Vidro e quartzo azul [Glass and blue quartz]

30 x 50 x 45 cm [11,8 x 19,6 x 17,7 in]



CARLOS BEVILACQUA
Aglomerado 4 Azul, 2022
Detalhe [Detail]

"As obras de Bevilacqua são estruturas tátteis, mitológicas, visuais e emocionais: estruturas com múltiplos caminhos e destinos. Há uma harmonia de contrários, um equilíbrio de forma e tensão, um senso constante de movimento"

— Carolyn H Drake

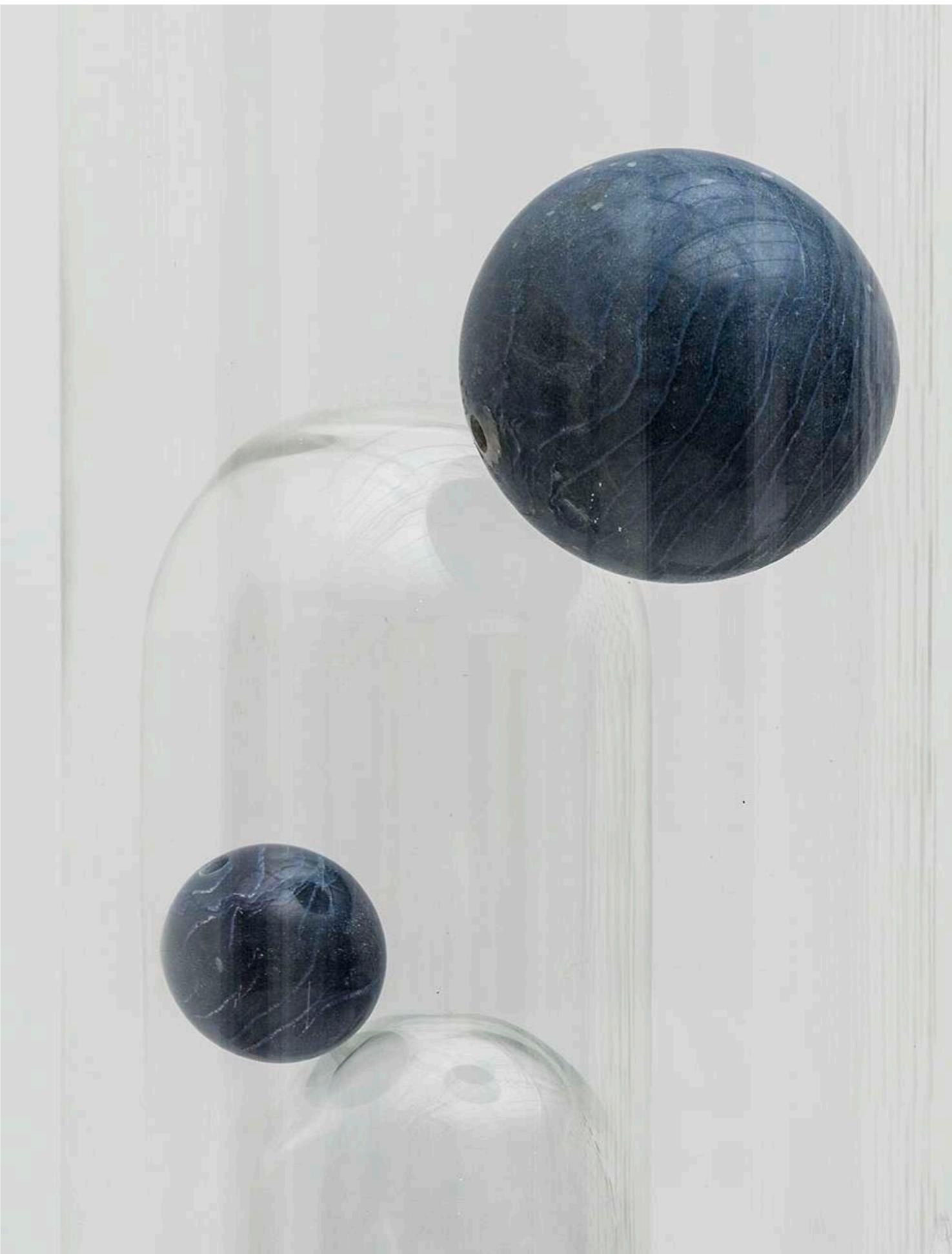
Carlos Bevilacqua

Galeria Fortes Vilaça, 2015

CARLOS BEVILACQUA

Aglomerado 4 Azul, 2022

Detalhe [Detail]





CARLOS BEVILACQUA
Aglomerado 4 Azul, 2022

Cristiano Lenhardt

Itaara, 1975

Em uma prática que se desenvolve em mídias variadas, como pinturas, desenhos, esculturas e performances, Cristiano Lenhardt busca em seu cotidiano ferramentas para a elaboração de processos que acontecem por atração, explorando a transformação de materiais e símbolos. A utilização desses materiais, que já estão previamente disponíveis, em algo que possui um novo sentido é uma forma de reorganizar informações do mundo, segundo um método subjetivo. Jornais impressos em papel têm sido um material usado recorrentemente pelo artista.

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)



CRISTIANO LENHARDT

Portal #3, 2022

Pastel seco sobre jornal

[Dry pastel on newspaper]

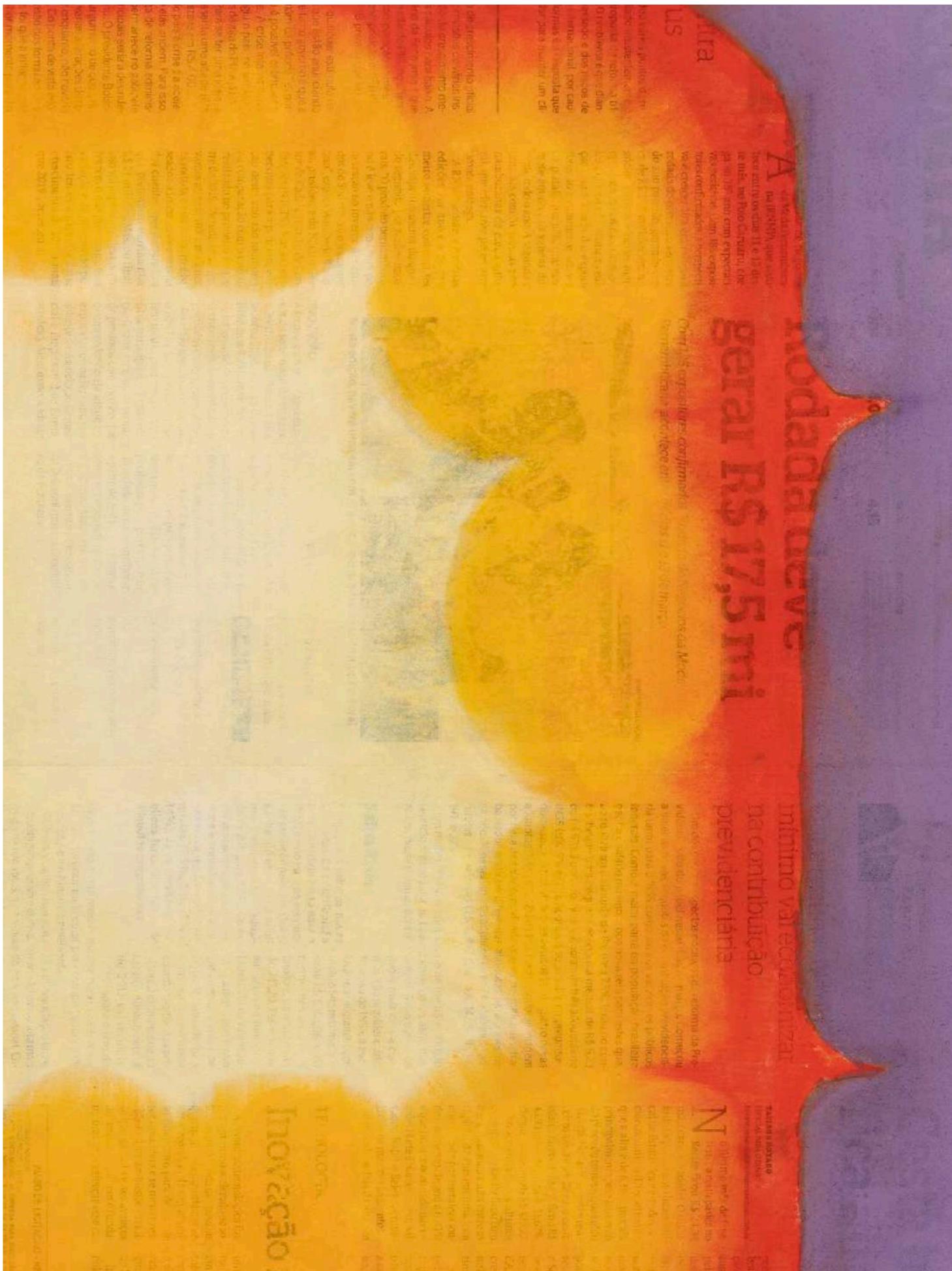
63,5 x 56,6 cm [25 x 22,28 in]

“Cristiano Lenhardt transcende o modelo racionalista do mundo para gerar imagens e “narrativas” que não espelham ou ignoram a realidade, mas recriam-na a partir de um encadeamento próprio de experiências que escapolem a referências lingüísticas ordenadoras (como significados), instaurando, por sua vez, atmosferas emocionais onde se torna possível a emergência de sentidos outros, ainda não dicionarizados e, talvez, indicionarizáveis.”

— Clarissa Diniz

Programa da exposição

Centro Cultural São Paulo, 2008





CRISTIANO LENHARDT

Portal #2, 2022

Pastel seco sobre jornal

[Dry pastel on newspaper]

61 x 54 cm [24 x 21,26 in]



CRISTIANO LENHARDT

Portal #6, 2022

Pastel seco sobre jornal

[Dry pastel on newspaper]

62 x 54 cm [24,4 x 21,26 in]



CRISTIANO LENHARDT

Portal #5, 2022

Pastel seco sobre jornal

[Dry pastel on newspaper]

61 x 54 cm [24 x 21,26 in]



CRISTIANO LENHARDT
Portal #5, 2022

Efrain Almeida

Boa Viagem, 1964

A obra de Efrain Almeida atesta e ecoa tanto o meio em que vive hoje como os lugares remotos da sua infância, no Nordeste do Brasil, não como comentário cultural, mas como evidência de memória e história pessoal transmitindo um senso inato de deslocamento. Suas esculturas são esculpidas em madeira ou forjadas em bronze, envernizadas e, por vezes, colorizadas a óleo ou a acrílico. Suas proporções reduzidas despertam a noção de um objeto afetivo que cabe entre as mãos: um brinquedo, um souvenir, um ex-voto. O sentido pelo qual espacialidade que seu trabalho se envereda é da anti-monumentalidade. Dispostos em imensas paredes brancas ou em blocos exageradamente maiores do que os artefatos que abrigam, as pequenas esculturas também subvertem as dimensões agigantadas dos espaços expositivos.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



EFRAIN ALMEIDA

Roupa/chaga, 1998

Madeira de umburana e veludo [Umburana wood and velvet]

20 x 15 x 11 cm [7,8 x 5,9 in.] cada [each]



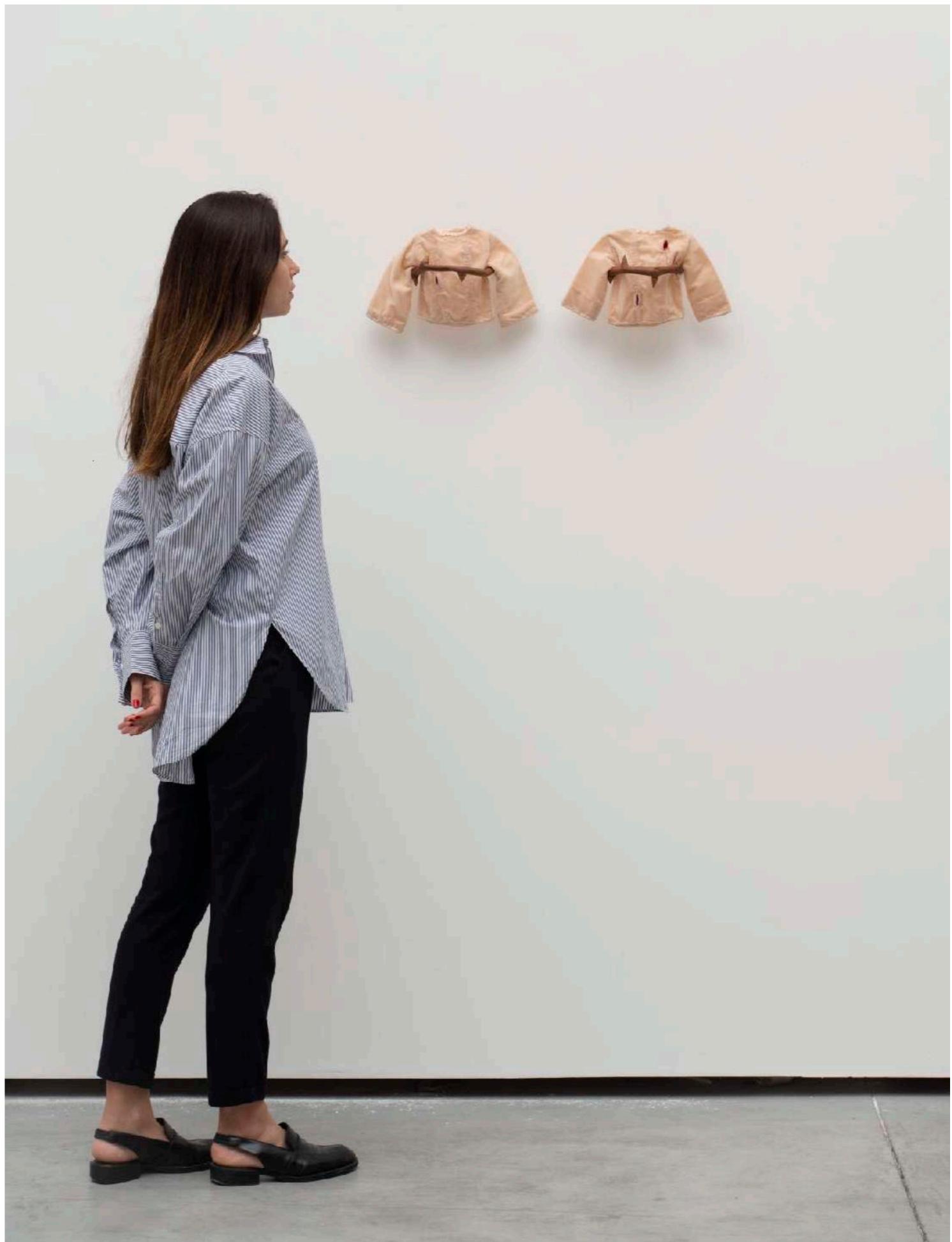
EFRAIN ALMEIDA
Roupa/chaga, 1998

“Inserida em uma tradição artística que negocia e comenta a presença do corpo em espaços de convívio e conflito, a obra de Efrain Almeida se afirma, paradoxalmente, por dar notícias do que nele é falta, pedaço ou desaparecimento.”

— Moacir do Anjos
Efrain Almeida
Editora Cobogó, 2010

EFRAIN ALMEIDA
Roupa/chaga, 1998
Detalhe [Detail]





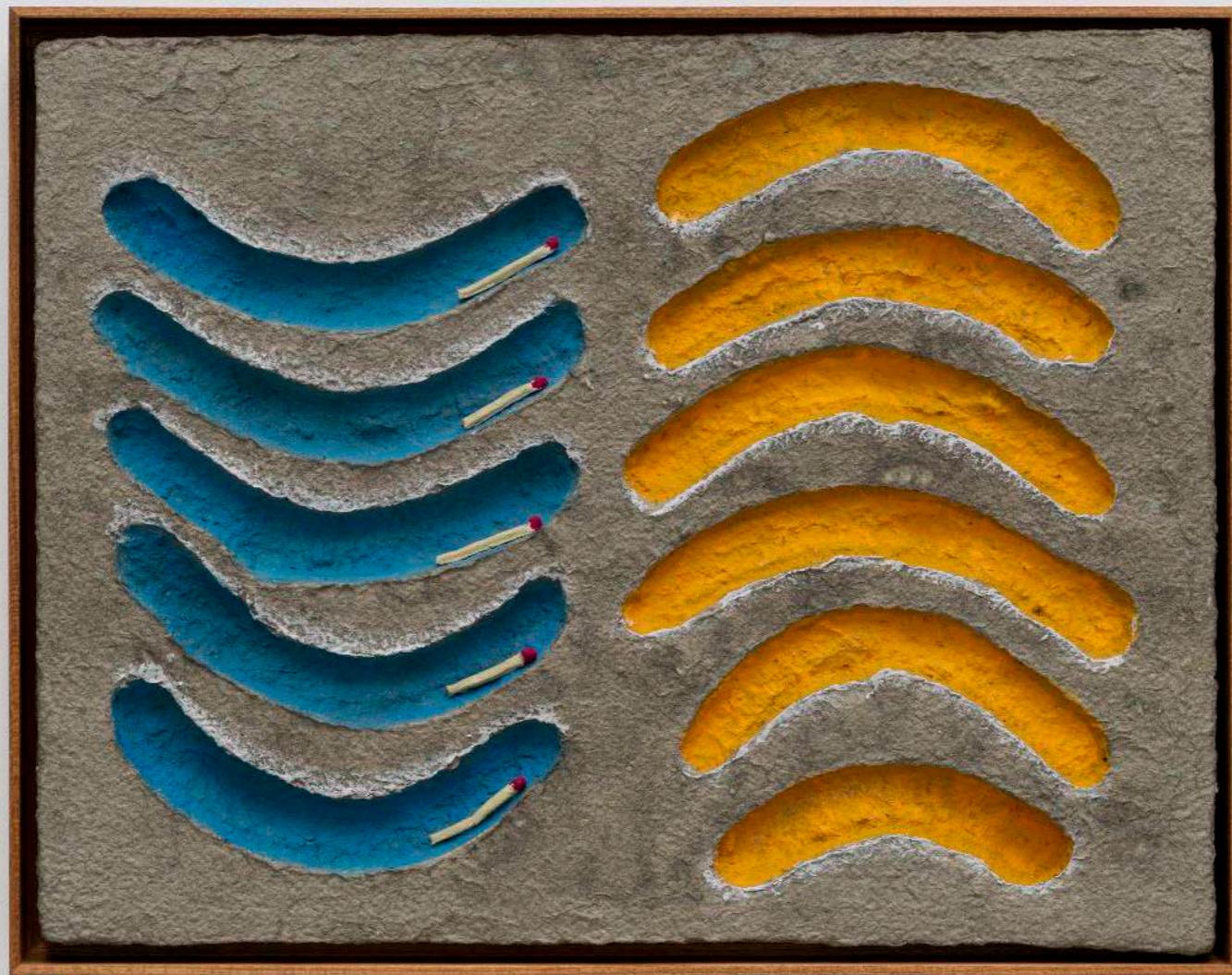
EFRAIN ALMEIDA
Roupa/chaga, 1998
Detalhe [Detail]

Erika Verzutti

São Paulo, 1971

Em sua prática, Erika Verzutti faz uso não hierárquico de diferentes materiais como bronze, concreto, argila e papiê-mâché para subverter códigos e signos convencionais da escultura. Com base na experiência tátil, o trabalho da artista constrói complexas relações entre pintura e escultura, forma e sensorialidade, usando o natural e o artificial para criar um repertório único. Desde 2013, seus relevos pictóricos ou esculturas de parede se tornaram um dos eixos centrais de seu fazer artístico. Nessas peças, Verzutti cria tensão no meio dos planos bidimensionais e tridimensionais e explora essa desierarquização por meio de materiais e referências temáticas que vão desde os cânones da história da arte até questões contemporâneas.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



ERIKA VERZUTTI
Micropolítica, 2021
Acrílica sobre papel machê e cerâmica fria [Acrylic on papier-mâché and new clay]
47 x 59,5 x 6 cm [18,5 x 23,4 x 2,3 in]
[SOLD]

“Em um mundo impulsionado por catástrofes ambientais, notícias falsas, teorias da conspiração e uma avalanche sensorial de estímulos vindos de telas de smartphones, que colidem diretamente em nossas mentes, o trabalho de Erika Verzutti produz uma infinidade de instâncias estranhas entre realidade e ficção. Sua prática nasce de deslocamentos espaço-temporais, instigados por seres inusitados e coisas belas que podemos identificar tanto da natureza quanto de referências contemporâneas que circulam apressadamente no caos cotidiano de imagens, discursos e citações, em uma ausência de hierarquia fixa entre os eruditos e populares.”

— André Mesquita

Erika Verzutti: A indisciplina da escultura

MASP, 2021





ERIKA VERZUTTI
Micropolítica, 2021



ERIKA VERZUTTI

Giz, 2022

Acrílica sobre bronze [Acrylic paint on bronze]

21,5 x 16,5 x 3 cm [8,4 x 6,4 x 1,18 in]

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP | 1/3



ERIKA VERZUTTI
Giz, 2022

Ernesto Neto

Rio de Janeiro, 1964

Desde o início de sua produção, na década de 1980, Ernesto Neto constrói relações entre espaço, matéria e o mundo natural e artificial. Suas investigações desdobram-se em esculturas e instalações que referenciam do minimalismo ao biomorfismo, evidenciando uma singular deglutição da herança neoconcreta da arte brasileira. O artista incorpora formas e materiais orgânicos em suas obras – especiarias, ervas, plantas e mais – frequentemente convidando o público a uma experiência de imersão sensorial que ultrapassa as fronteiras entre arte e espectador, individual e coletivo. Como se dotadas de vida, suas esculturas revelam-se organismos em processo de devoração e transmutação constante de si mesmas e daquele que as observa.

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)

ERNESTO NETO

beijo sol e terra Da, 2021

Cerâmica, crochê de barbante de algodão e nozes

[Ceramics, cotton string crochet and nuts]

Dimensões variáveis [Variable dimensions]

Cerâmica [Ceramic]: 40 x 32.5 x 33.5 cm [15,7 x 12,7 x 13,1 in]



ERNESTO NETO
beijo sol e terra Da, 2021
Detalhe [Detail]



ERNESTO NETO

navegante tecelão

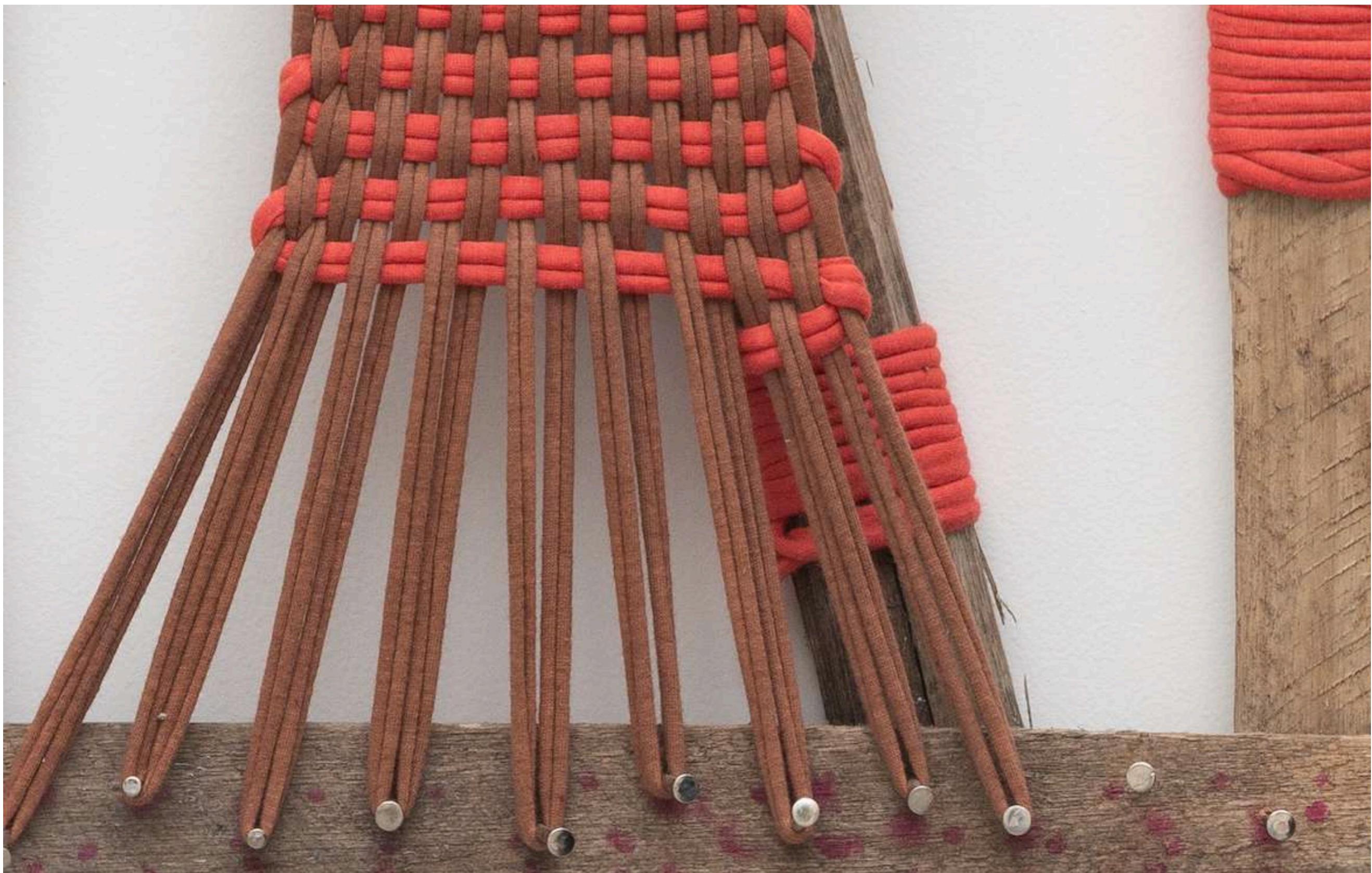
cheguei do mar- NT1, 2021

Madeira, pregos e malha de algodão

[Wood, nails and cotton mesh]

50 x 30 cm [19 x 11 in]





ERNESTO NETO
navegante tecelão
cheguei do mar- NT1, 2021
Detalhe [Detail]

“Todos os desafios com que se debatem os escultores há séculos estão claramente colocados na obras de Ernesto Neto: equilíbrio, tensão, distribuição de massas, peso, escala, proporção, propriedades dos materiais.”

— Valéria Piccoli

Ernesto Neto: Sopro

Pinacoteca de São Paulo, 2019

ERNESTO NETO
navegante tecelão
cheguei do mar- NT1, 2021
Detalhe [Detail]



ERNESTO NETO
navegante tecelão
cheguei do mar- NT1, 2021
Detalhe [Detail]



Gokula Stoffel

Porto Alegre, 1988

Através de uma prática que articula diferentes suportes, técnicas e materiais, a obra de Gokula Stoffel é atravessada por um forte senso de inquietação e subjetividade e marcada por certa dimensão existencial, psicanalítica. Utilizando paletas de cores restritas e cortes específicos de partes do corpo humano, suas telas à óleo são capazes de imprimir uma variedade de sentimentos ambivalentes – conflitantes ou complementares, entre si. Trabalhando na escala íntima de obras que cabem nas mãos até grandes formatos, a artista explora desde o gênero clássico da pintura até esculturas de resina e biscuit, passando também por uma prática de tecelagem e assemblage de tecidos em algumas de suas obras.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



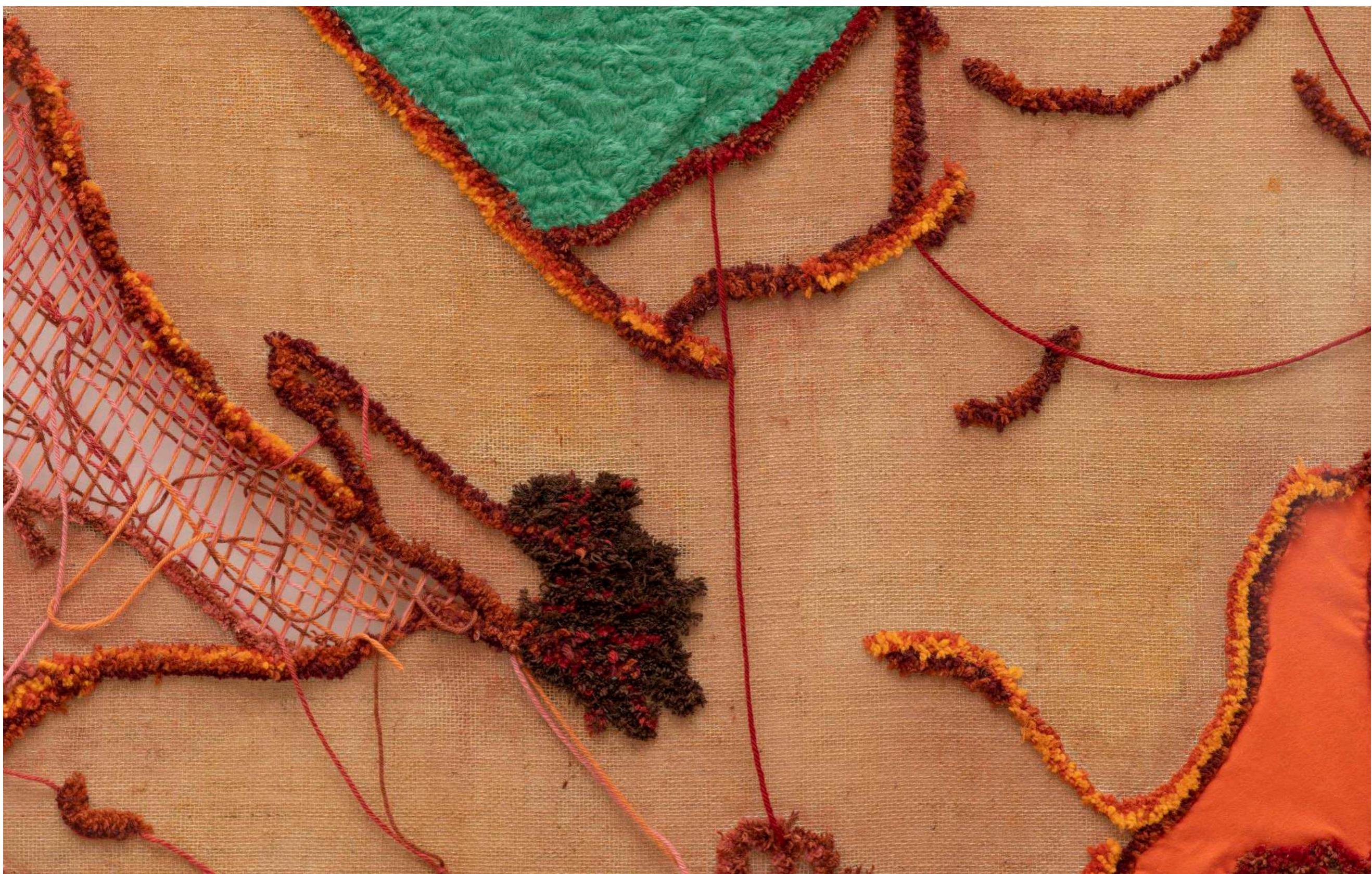
GOKULA STOFFEL

Ninho de gato, 2022

Tinta acrílica, lã, pelúcia e flanela sobre juta [Acrylic paint, wool, plush and flannel on jute]

142 x 238 cm [55,9 x 93,7 in]

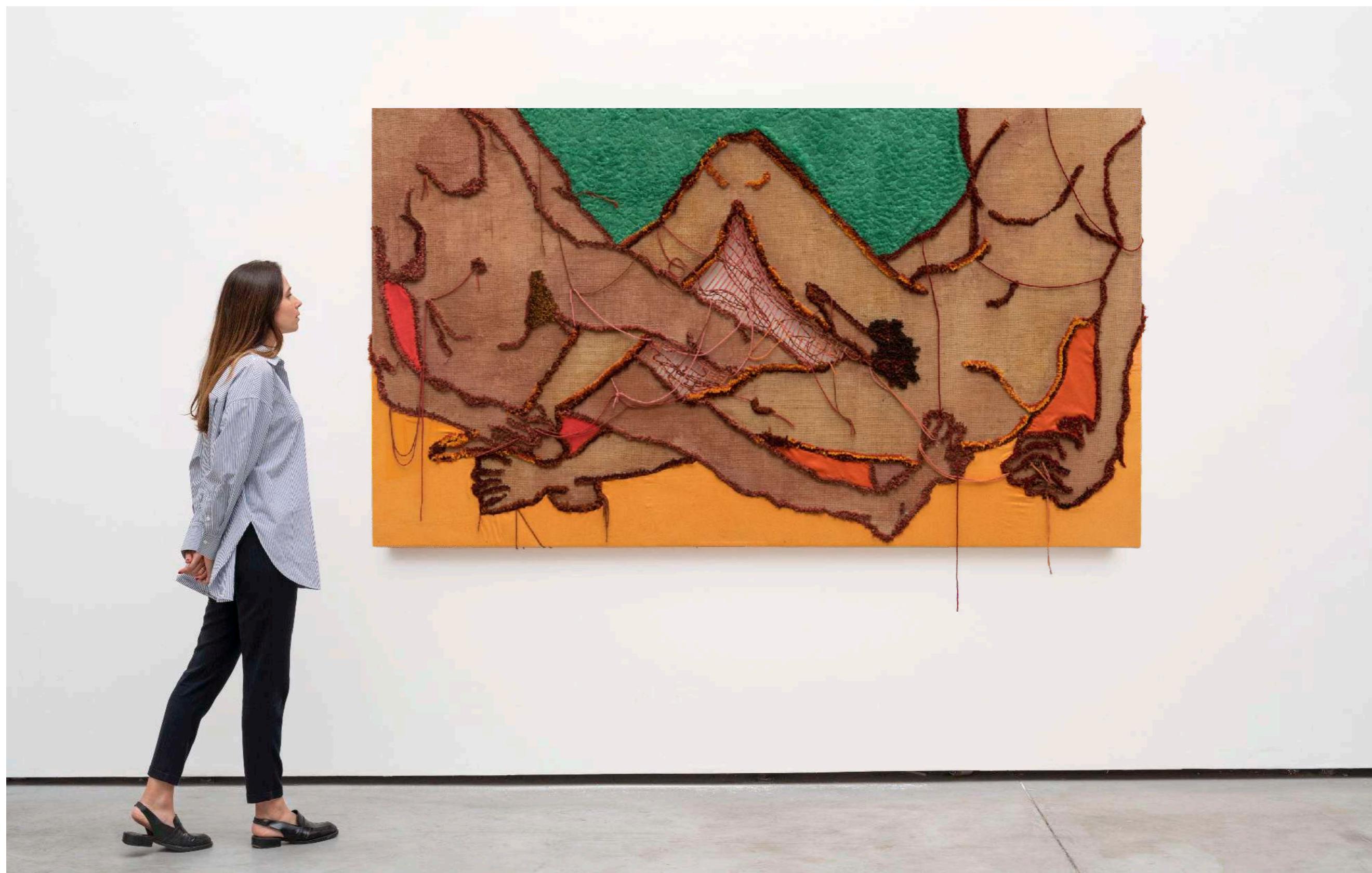
[Reserved]



GOKULA STOFFEL

Ninho de gato, 2022

Detalhe [Detail]



GOKULA STOFFEL
Ninho de gato, 2022



GOKULA STOFFEL

Boca da noite, 2022

Esmalte sintético e bastão oleoso sobre tela

48,5 x 66 cm [19 x 25,9 in]



GOKULA STOFFEL
Boca da noite, 2022
Detalhe [Detail]



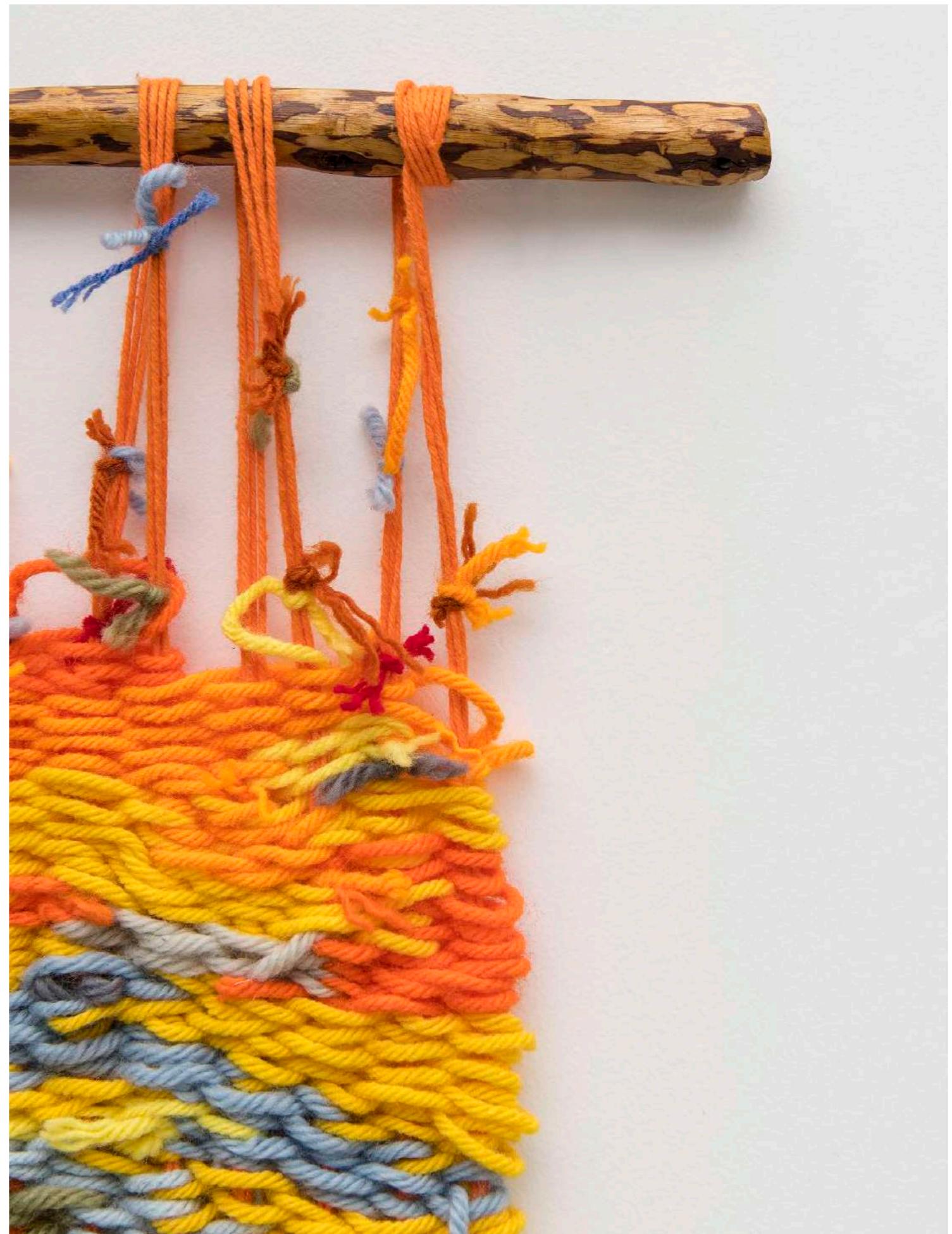
GOKULA STOFFEL

Paisagem escaldante, 2022

Fios de lã e algodão em galho de eucalipto

[Wool and cotton yarn on eucalyptus branch]

43 x 23 cm [16,9 x 9 in]



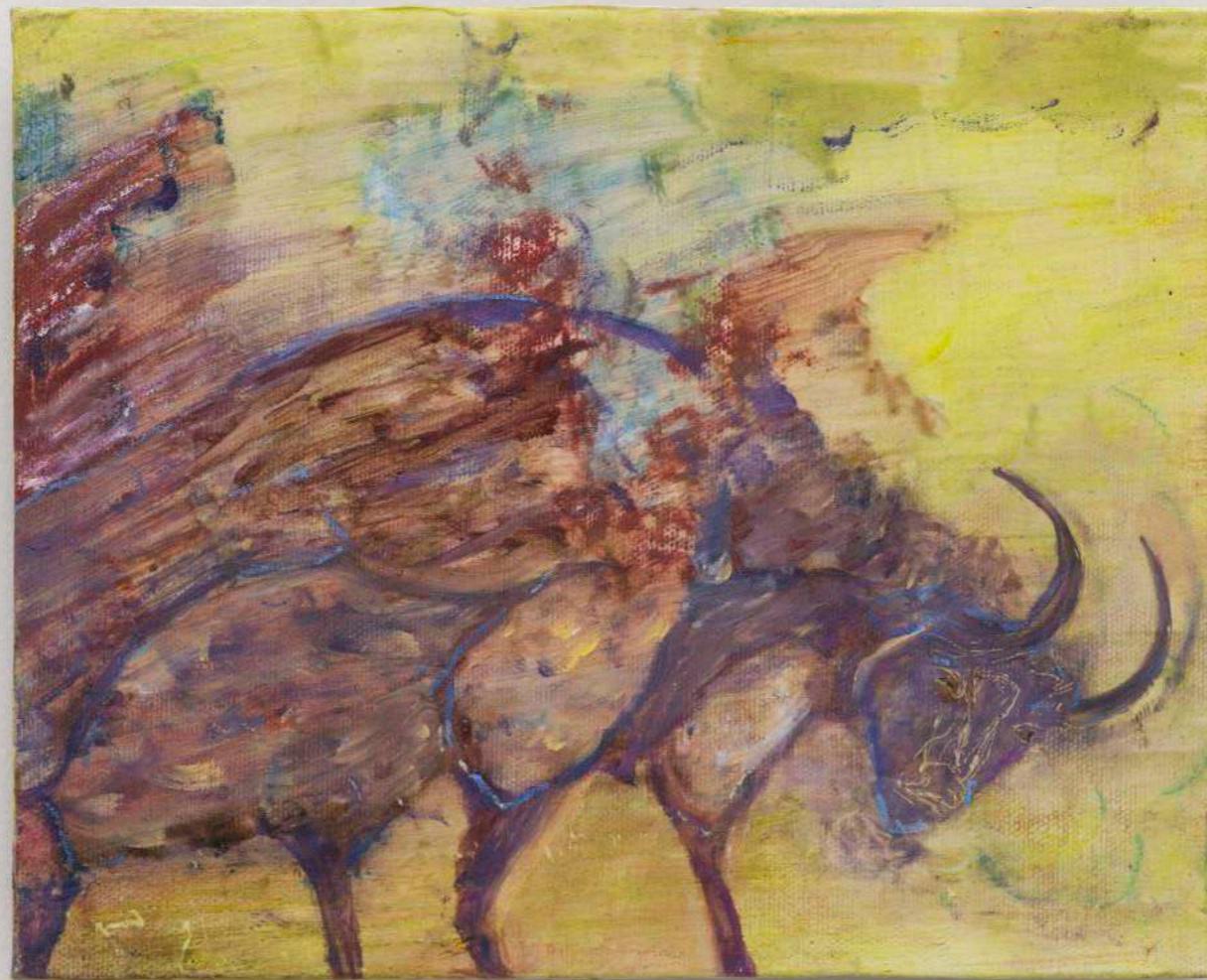
GOKULA STOFFEL

Paisagem escaldante, 2022

Detalhe [Detail]



GOKULA STOFFEL
Paisagem escaldante, 2022



GOKULA STOFFEL

Às vezes touro, 2022

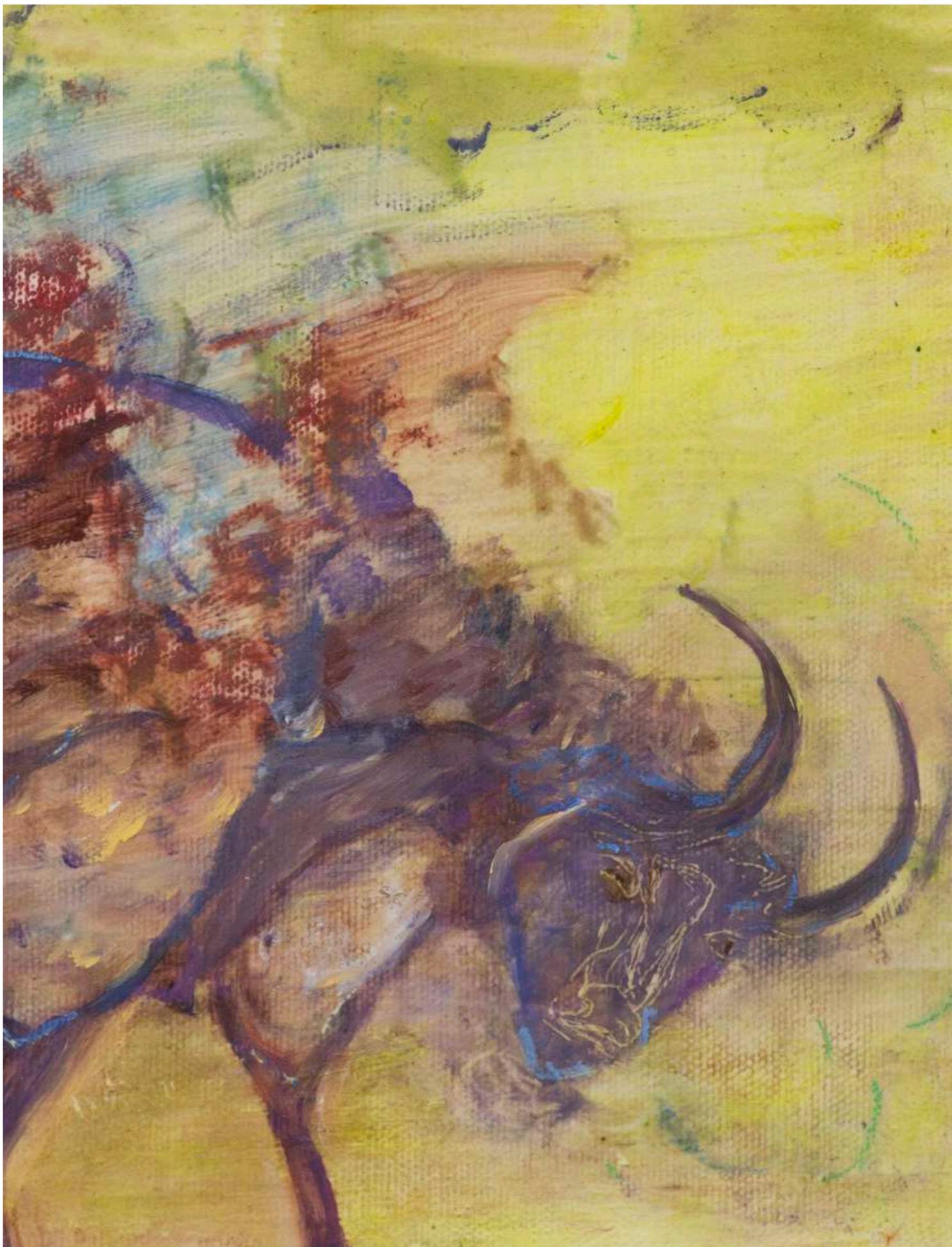
Óleo sobre cartão entelado [Oil on primed cardboard]

20 x 25 cm [7,8 x 9,8 in]

“O corpo humano tem uma aparência fragmentada nas composições de Gokula Stoffel, fios de cabelo, alusões a braços e pernas, tramas têxteis e peças de roupas permeiam suas obras. Em meio ao mundo avassalador de imagens e informações em que vivemos, a artista encontrou seu vocabulário nas mudanças comportamentais geradas pelo boom tecnológico que vivemos e investiga o lugar da imagem no mundo contemporâneo.”

— Fernanda Brenner
Present Future
Artissima, 2021

GOKULA STOFFEL
Às vezes touro, 2022
Detalhe [Detail]





GOKULA STOFFEL
Às vezes touro, 2022

Iran do Espírito Santo

Mococa, 1963

Através de uma prática multidisciplinar que desdobra-se em esculturas, pinturas, desenhos e instalações, Iran do Espírito Santo investiga o espaço entre o concreto e o abstrato ao questionar os limites da representação visual e os hábitos perceptivos típicos do regime óptico contemporâneo. Elegendo materiais cotidianos e frequentemente ligados ao design industrial, o artista subverte os códigos usuais da visão ao explorar e inverter noções de escala, peso e aparência desses objetos. Espírito Santo reflete, portanto, acerca de como nossa compreensão da realidade já pressupõe um vetor determinado, previamente estabelecido, daquilo que entendemos como o real.

Iran do Espírito Santo abre exposição individual no Galpão em maio.

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)



IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Luz Negra I, 2021

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]

77,5 x 56 cm [30,5 x 22 in]

"Diferente do que talvez seja mais lógico imaginar, os desenhos de Iran não antecedem, necessariamente, as instalações e as esculturas, que parecem originar-se deles. Em alguns casos - e o que estamos analisando constitui sem dúvida um dos primeiros exemplos - , seria possível afirmar, nem que seja apenas como provocação, o contrário: o que o artista constrói no mundo, em grande escala é o projeto ou o esboço do que irá realizar (ou já realizou, ante litteram) no papel."

— Visconti Jacopo Crivelli
Desenhos
Editora Cobogó, 2015





IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Luz Negra II, 2021

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]

77,5 x 56 cm [30,5 x 22 in]



IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Luz Negra III, 2021

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]

77,5 x 56 cm [30,5 x 22 in]



IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Luz Negra IV, 2021

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]

77,5 x 56 cm [30,5 x 22 in]



IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Luz Negra V, 2021

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]

77,5 x 56 cm [30,5 x 22 in]



IRAN DO ESPÍRITO SANTO
Luz Negra I a V, 2021

Jac Leirner

São Paulo, 1961

Por meio de um complexo vocabulário conceitual, a produção artística de Jac Leirner elege como método criativo o colecionismo – o acúmulo e agrupamento em série de objetos, segundo critérios de organização específicos. As peças que compõem seus inventários possuem naturezas diversas: talheres, bitucas de cigarro, ferramentas, réguas, cédulas, bolsas, entre outros. Esses objetos cotidianos sofrem uma reconfiguração a partir de um deslocamento semântico e narrativo operado pela artista, que emprega uma aguçada sensibilidade às propriedades formais dos objetos, como forma e cor na fatura da obra.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



JAC LEIRNER

Joias para reis, 2021

Metal e plástico

[Metal and plastic]

208 x 16 cm [81,8 x 6,2 in]

“Há uma sedução na obra de Leirner, em sua repetição; na lentidão de sua produção, onde materiais levam décadas para serem acumulados e podem se transformar em esculturas com incrível rapidez”

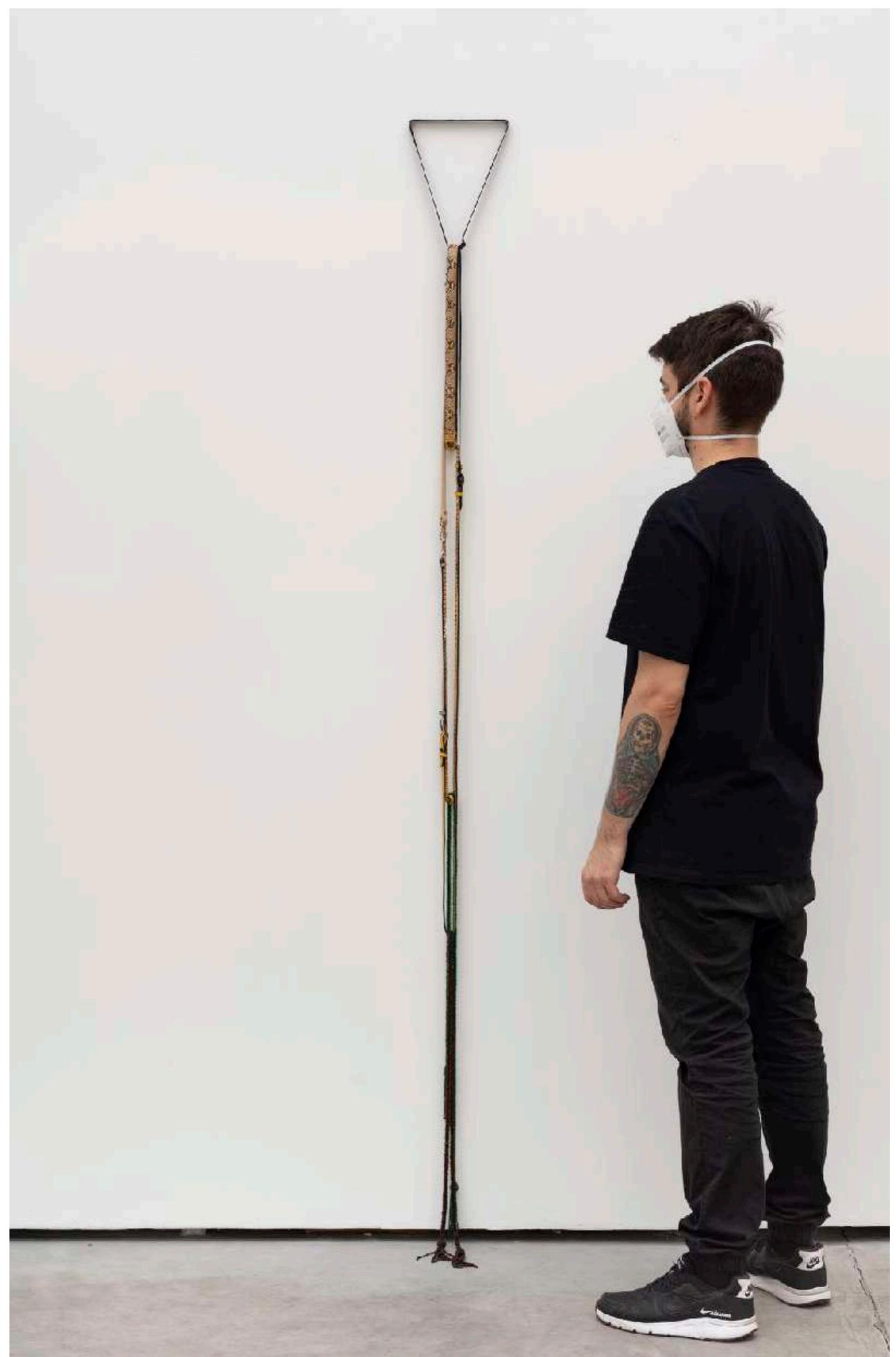
— Oliver Basciano

$2 + 2 = 4$

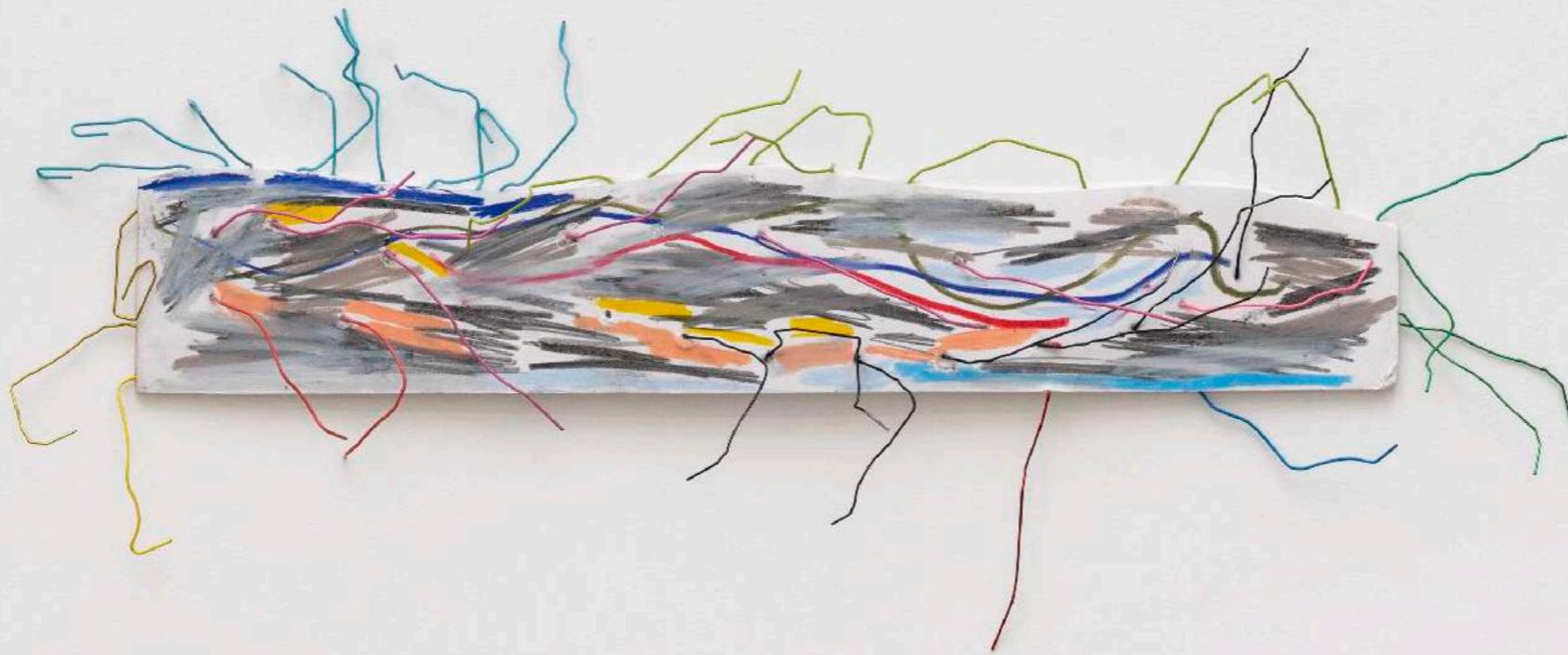
Ensaio crítico, Fortes D'Aloia & Gabriel, 2021

JAC LEIRNER
Joias para reis, 2021
Detalhe [Detail]





JAC LEIRNER
Joias para reis, 2021



JAC LEIRNER

stranger than fiction, 2020

Crayon sobre papel e metal [Crayon on paper and metal]

17 x 58 cm [6,6 x 22,8 in]



JAC LEIRNER
stranger than fiction, 2020

Janaina Tschäpe

Munique, 1973

A obra de Janaina Tschäpe habita o território entre a realidade e a fabulação, tomando forma na intersecção entre paisagens vistas, lembradas e emocionalmente incorporadas. Suas pinturas, desenhos e aquarelas revelam gesto e fisicalidade à medida que se desdobram a partir de um processo no qual o corpo da artista está intrinsecamente envolvido, presente. Tschäpe constrói um universo particular de formas híbridas, ora botânicas, ora amorfas, alternando entre uma atmosfera figurativa e uma atmosfera abstrata, suspensas no espaço e desprovidas de cronologia ou narrativa – simultaneamente líquidas e densas, dotadas de profundidade e fluidez.

Janaina Tschäpe abre exposição individual na Carpintaria em abril.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



JANAINA TSCHÄPE

sombra d'água, 2020

Tinta à base de caseína, bastão oleoso e pastel oleoso sobre tela [Casein, oil stick and oil pastel on canvas]

152.4 x 203.2 x 3.8 cm [60 x 80 x 1.5 in]

[Reserved]

“A pintura de Janaina Tschäpe possui essa capacidade de nos deixar em uma zona de dúvida, deflagrando uma sensação de estranheza, ao mesmo tempo em que se utiliza de um repertório mnêmico que nos é familiar. Essa região de partilha encontra-se na memória de paisagens interiores e exteriores que, de alguma forma, nos são comuns.”

— Luisa Duarte

À procura de um fim, sem fim...

Editora Cobogó, 2017

JANAINA TSCHÄPE
sombra d'água, 2020
Detalhe [Detail]





JANAINA TSCHÄPE
sombra d'água, 2020

João Maria Gusmão + Pedro Paiva

Lisboa, Portugal, 1979 | Lisboa, Portugal, 1977

As esculturas de João Maria Gusmão e Pedro Paiva utilizam fundações esquemáticas e não convencionais para criar figuras. Os artistas modelam não as próprias peças, mas seus moldes; um recurso que abre possibilidades aleatórias e os afasta de qualquer senso de estilo. Ainda assim, é possível apreender a temática física em suas esculturas. Muitas delas fazem referências a instrumentos utilizados na antiguidade para a medida do tempo, tal como vasos de barro que gotejam um fluxo constante de água. Tanto suas esculturas como seus filmes em película trabalham, enfim, a disruptão da sensação da passagem do tempo.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



JOÃO MARIA GUSMÃO + PEDRO PAIVA

Elefante | Elephant, 2018

Bronze

Escultura [Sculpture]: 28 x 42 x 22 cm

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP | 1/3



JOÃO MARIA GUSMÃO + PEDRO PAIVA

Elefante | Elephant, 2018

Detalhe [Detail]



JOÃO MARIA GUSMÃO + PEDRO PAIVA
Elefante | Elephant, 2018

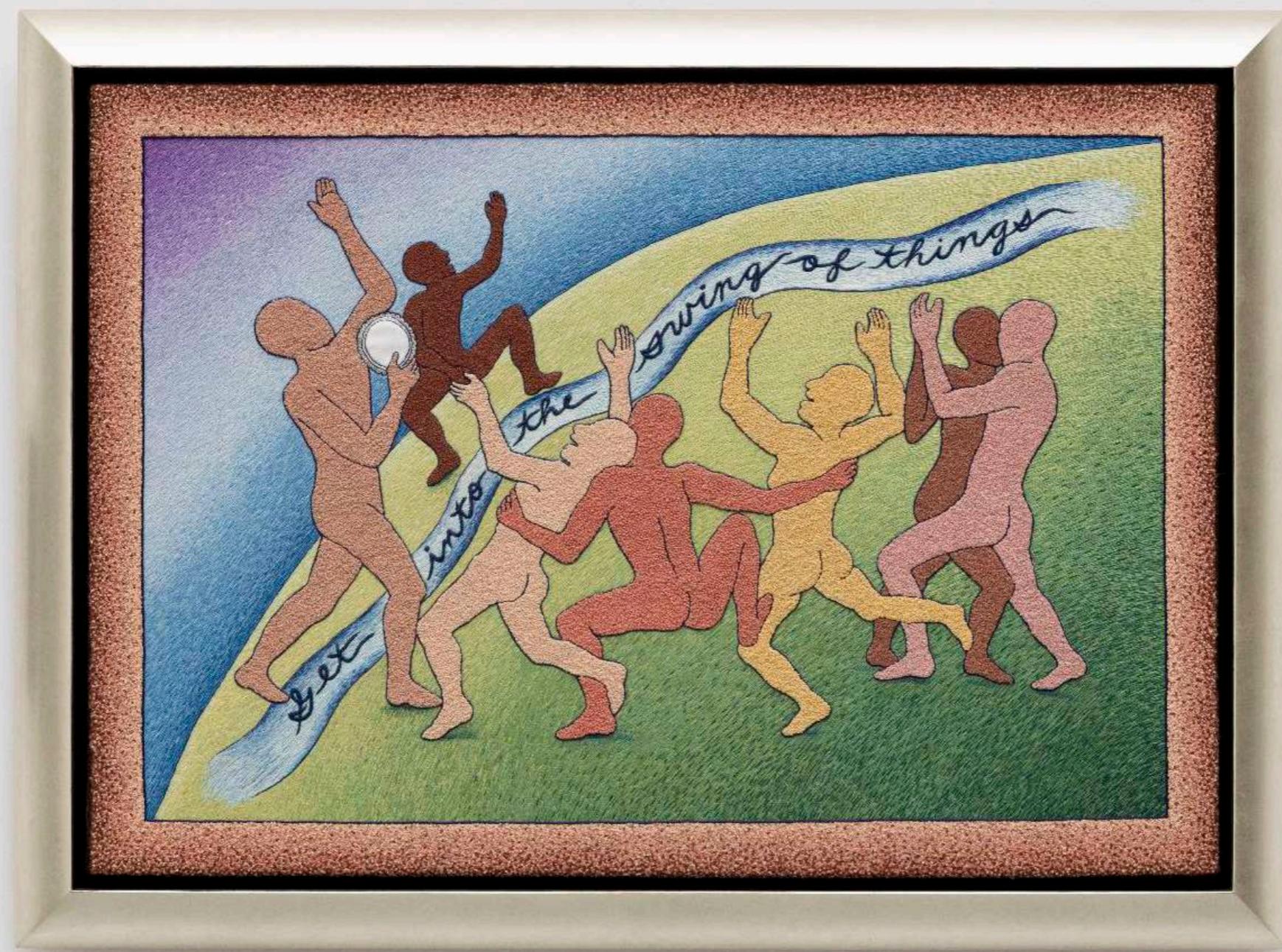
Judy Chicago

Chicago, 1939

Judy Chicago opera em uma definição expandida da arte como veículo de transformação intelectual e de mudança social desde o final dos anos 1960. Através de técnicas historicamente associadas a tradições femininas – como a tecelagem e o bordado –, Chicago explora iconografias transculturais para refletir sobre narrativas importantes da história, investindo em imagens explícitas e processos colaborativos. Ela manipula um sistema de cores que faz com que as imagens girem, se dissolvam, vibrem e gesticulem. São emoções e sensações corporais traduzidas em forma e temperatura cromática. Atuante enquanto artista, escritora, professora, para além de ser um ícone do feminismo, tornou-se um símbolo humanista.

A exposição Judy Chicago & Leda Catunda pode ser visitada no Galpão até 23 de abril.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



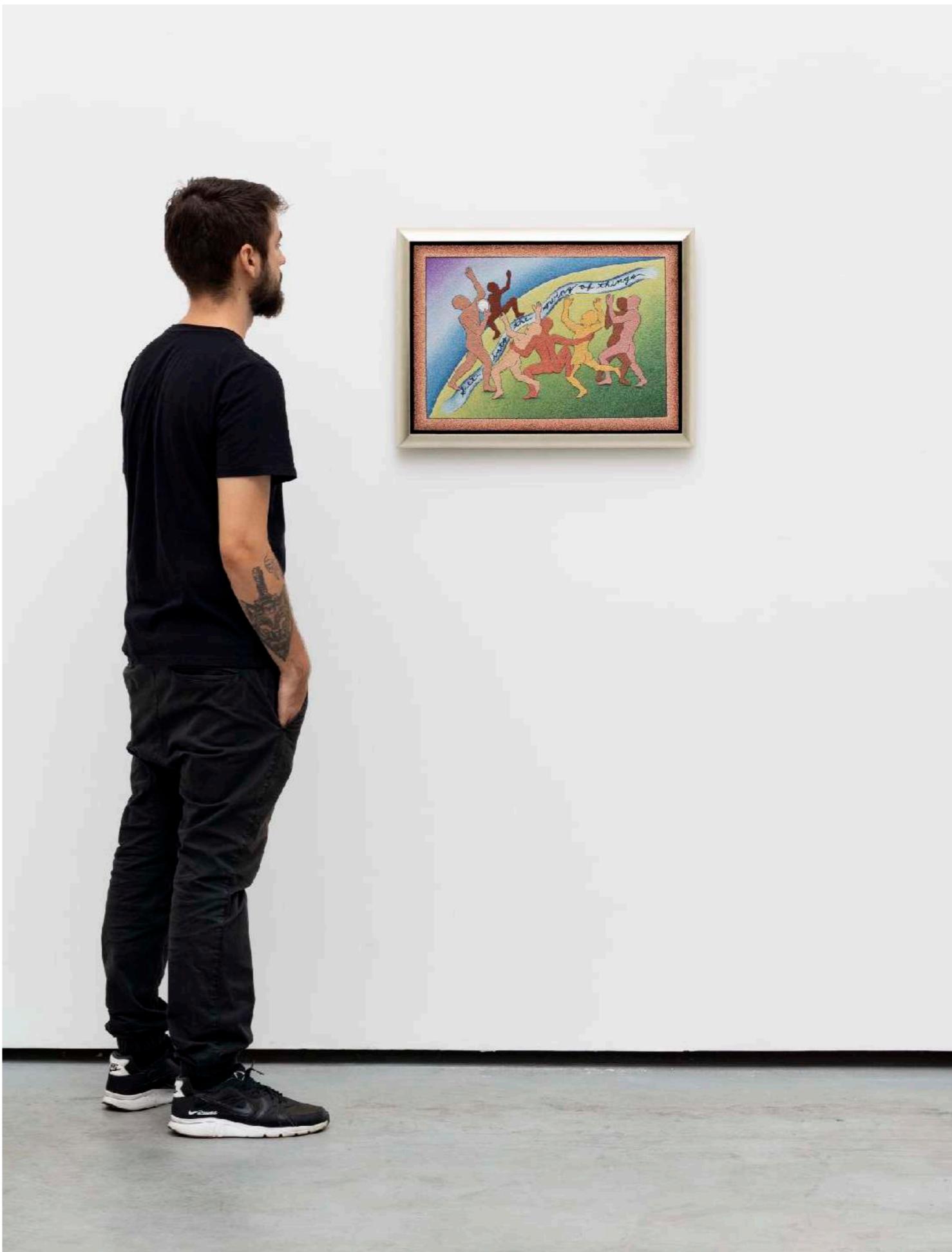
JUDY CHICAGO

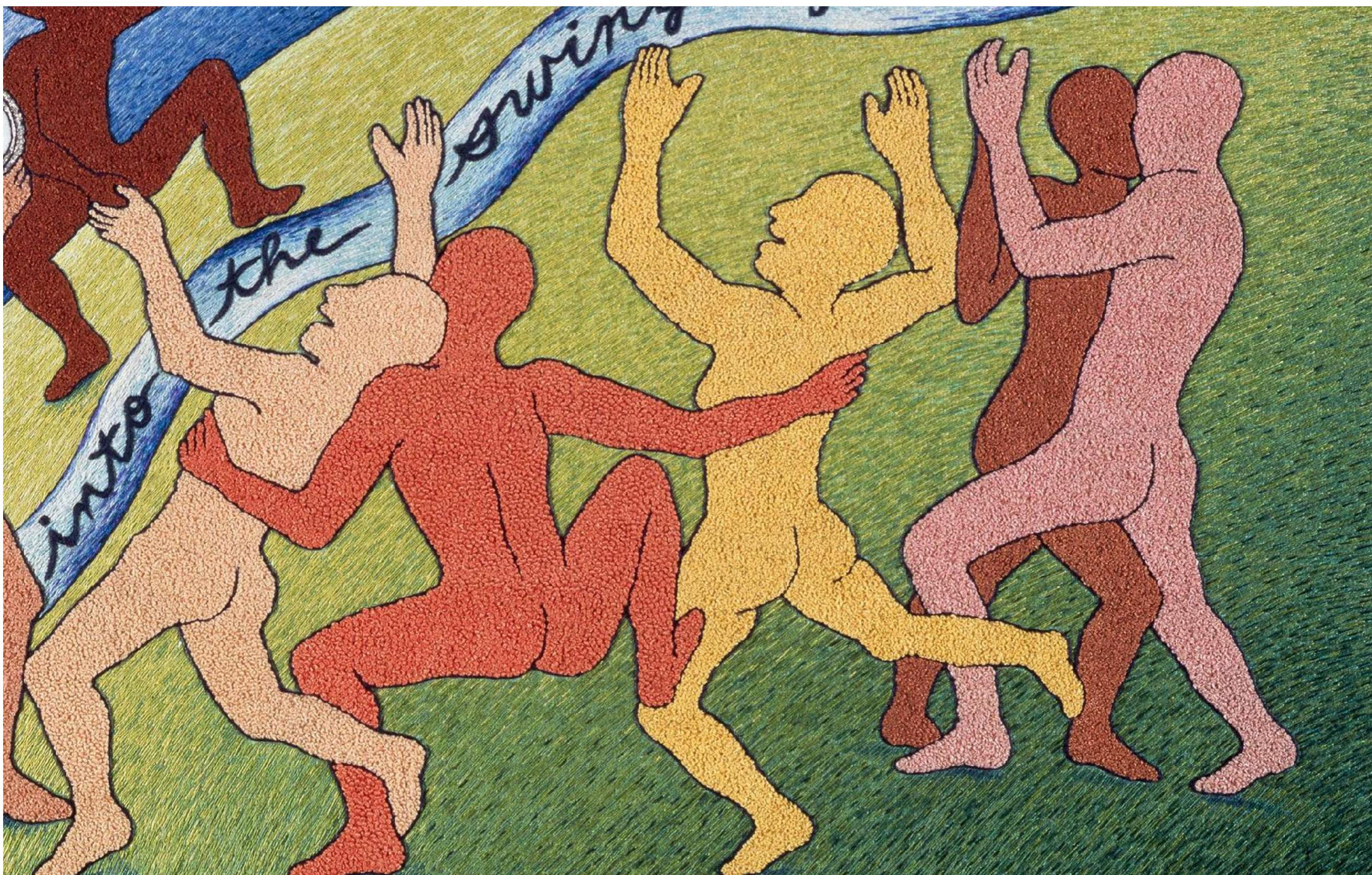
Get into the Swing of Things, 2000

Tinta acrílica pulverizada, tinta a óleo e bordado sobre tecido [Sprayed acrylic, oil paint and embroidery on fabric]

35,5 x 50,8 cm [14 x 20 in]

Sete silhuetas coloridas dançam ao redor de um riacho em que se lê 'Get into the Swing of Things' (2000), ou "Envolva-se no balanço das coisas", sugerindo uma afinidade entre as pessoas e o ambiente à sua volta. O bordado preenche quase toda a superfície: petit points formam a pele das pessoas e pequenas linhas retas mimetizam a grama que balança com o vento e a água que corre. A obra se insere numa longa tradição de passeios e danças na paisagem, desde as festas camponesas e o lazer da aristocracia até a celebração modernista da "alegria de viver", reinventada por vários artistas. Chicago, além de representar um grupo de pessoas com diferentes tons de pele – o que não se vê na maioria das pinturas do tipo –, também convida o espectador a participar da festa, ao inserir um espelho nas mãos da figura à esquerda.

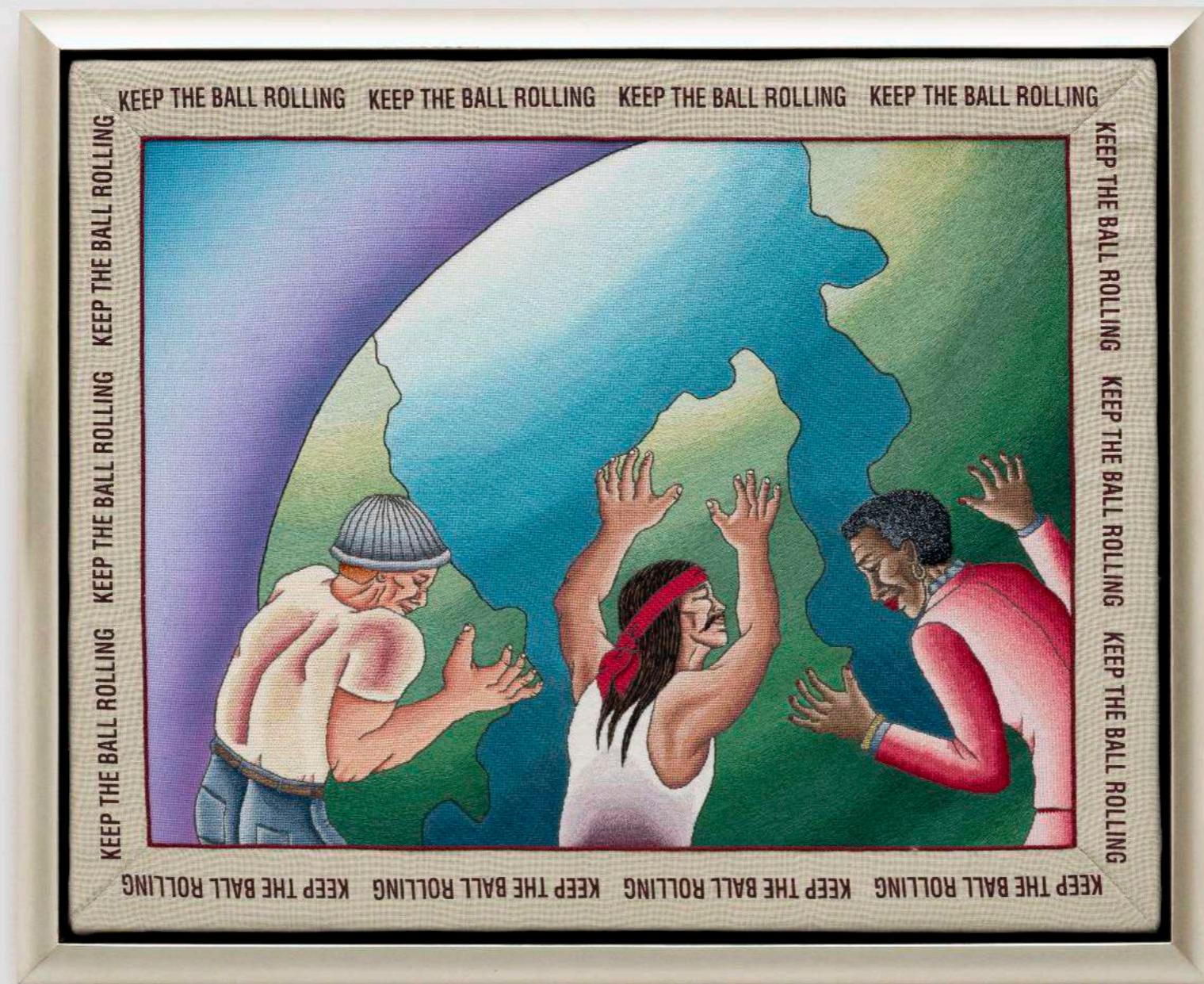




JUDY CHICAGO

Get into the Swing of Things, 2020

Detail [Detail]



JUDY CHICAGO

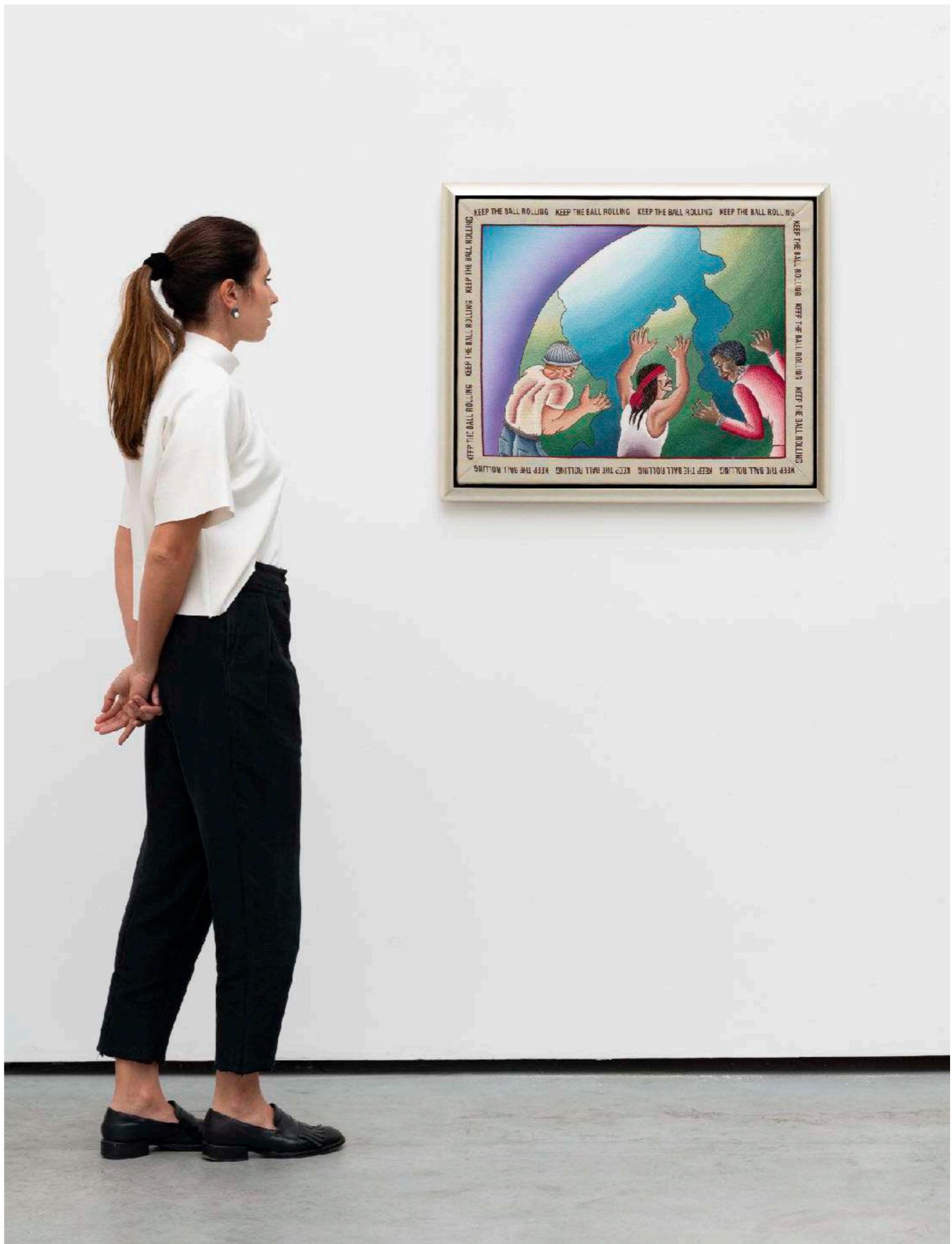
Keep the Ball Rolling, 2000

Pintura, petit point, ponto de agulha, bordado, e serigrafia sobre tecido e linho

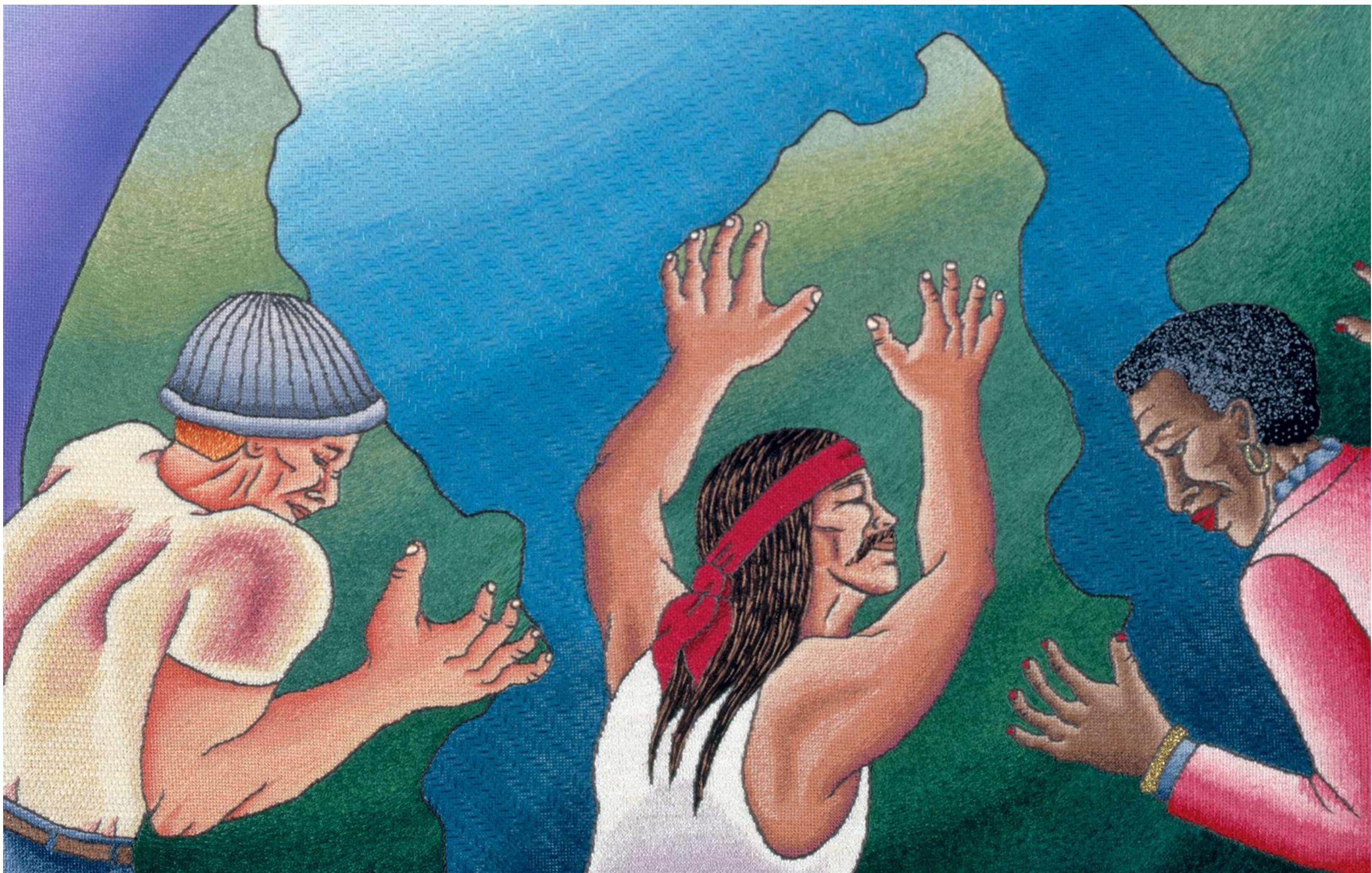
[Painting, petit point, needlepoint, embroidery, applique and silkscreen on fabric and linen]

55,88 x 71,12 cm [22 x 28 in]

'Keep the Ball Rolling' (2000) é uma pintura-bordado que retrata três pessoas abraçando o planeta Terra, envolvidas pelo título da obra que se repete como um letreiro em movimento. Os personagens não são aqueles tradicionalmente celebrados pela história da arte: à esquerda se vê um homem de calça jeans, camiseta e touca, provavelmente um trabalhador; ao centro, um homem de bigode, cabelos compridos e fisionomia "latina" e, à direita, uma mulher negra vestida de maneira elegante, de terno, batom e unhas vermelhas. As diferentes texturas bordadas – feitas de maneira colaborativa com quatro artistas – criam uma superfície macia e refletem a diversidade de formas de vida no planeta. Assim, a obra sugere que, para que a Terra "siga girando", é preciso levar em conta a complexidade das relações humanas e não humanas, que se entrelaçam em múltiplas formas.



JUDY CHICAGO
Keep the Ball Rolling, 2000



JUDY CHICAGO
Keep the Ball Rolling, 2000



JUDY CHICAGO
Dome Drawing #3, 1968
Prismacolor sobre papel [Prismacolor on paper]
69.5 x 69.5 cm [27.3 x 27.38 in.]



JUDY CHICAGO

Study for Desert Fan, 1970

Prismacolor sobre cartão [Prismacolor on board]

25,4 x 50,8 cm [10 x 20 in.]

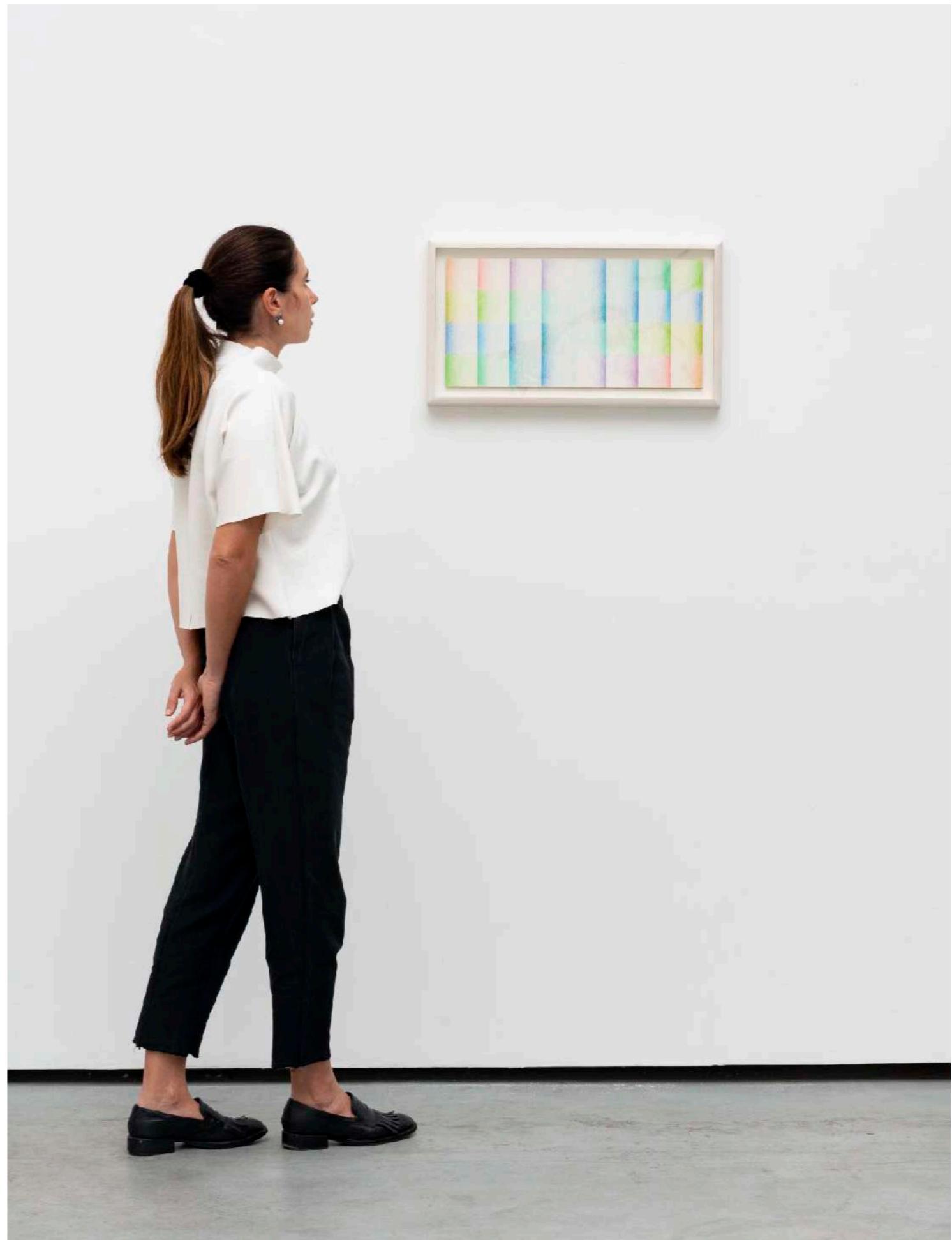


JUDY CHICAGO

Study for Fresno Fan, 1971

Prismacolor sobre cartão [Prismacolor on board]

25,4 x 50,8 cm [10 x 20 in.]



JUDY CHICAGO
Study for Fresno Fan, 1971



JUDY CHICAGO

Study for Fresno Fan, 1971 | Study for Desert Fan, 1970 | Dome Drawing #3, 1968

Leda Catunda

São Paulo, 1961

Leda Catunda desenvolve, desde os anos 1980, uma contundente produção pictórica pautada pelo emprego de materiais de naturezas diversas para criar o que ela chama de “pinturas moles”. Através da costura e da pintura sobre tecidos e plásticos, vestimentas e acessórios mundanos, Catunda constrói um léxico inconfundível que se vale tanto dos gêneros da paisagem e da pintura abstrata quanto da apropriação de signos contemporâneos. A artista captura a voracidade imagética do nosso tempo em seu trabalho, manuseando imagens que habitam o gosto popular e mapeando identidades e subculturas definidas pelo consumo.

A exposição Judy Chicago & Leda Catunda pode ser visitada no Galpão até 23 de abril.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



LEDA CATUNDA

Lua com Véus, 2019

Acrílica sobre voile e couro

[Acrylic on organza and leather]

169 x 110 x 3 cm [66 x 43 x 1 in]

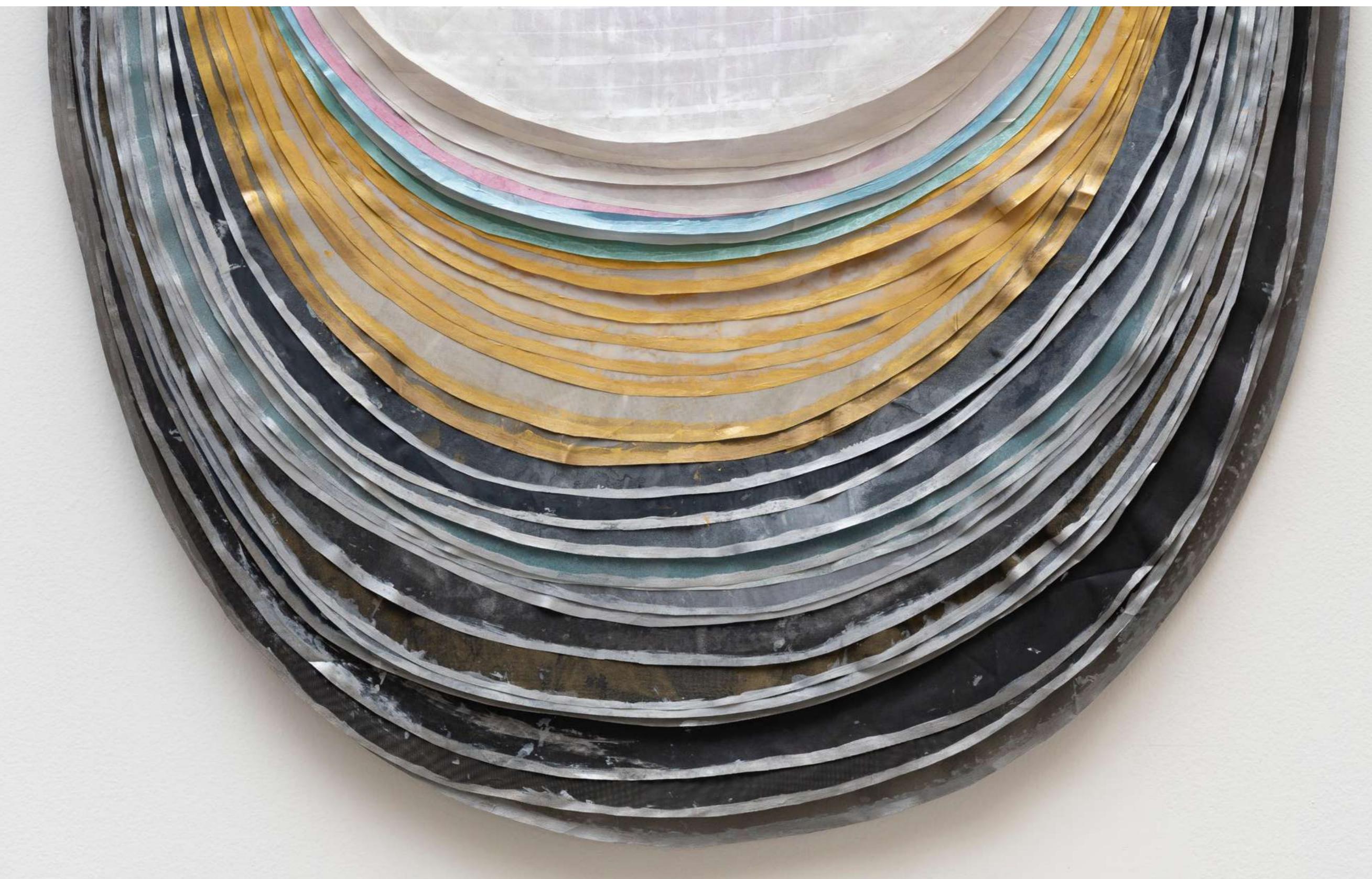
[Reserved]



LEDA CATUNDA
Lua com Véus, 2019
Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA
Lua com Véus, 2019
Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA
Lua com Véus, 2019
Detalhe [Detail]

"Lua com Véus pertence a um grupo de trabalhos aos quais se pretende conferir a qualidade da intimidade. São pinturas-objetos que possuem muitas camadas, que podem ser percebidas pelas bordas aparentes e pelo volume da sobreposição, mas cujo interior é inalcançável ao olhar, podendo ser apenas suposto, um conteúdo presumível, mas que não pode ser experimentado. Seria como uma metáfora para a intimidade de corpos onde algumas partes são privadas e estão sempre ocultas"

— Leda Catunda
Depoimento à Paula Alzugaray
Revista seLecT, 2021



LEDA CATUNDA
Lua com Véus, 2019



LEDA CATUNDA

J & M, 2022

Acrílica sobre tela e tecido [Acrylic on canvas and fabric]

77 x 106 cm [30,3 x 41,7 in.]

[Reserved]



LEDA CATUNDA
J & M, 2022
Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA
J & M, 2022
Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA
J & M, 2022
Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA

Flores, 2020

Esmalte e acrílica sobre tecido [Enamel and acrylic on fabric]

51 x 21 cm [20 x 8,2 in]



LEDA CATUNDA

Flores, 2020

Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA
Flores, 2020
Detalhe [Detail]

Luiz Zerbini

São Paulo, 1959

Em sua pintura, Luiz Zerbini desenvolve um complexo vocabulário visual que articula figuração, abstração e geometria. Para o artista, a tela é um campo expandido de possibilidades, seja enquadrando a perspectiva do espectador ou construindo janelas imersivas que desvendam traços figurativos. Neste processo, as formas desmembram-se em curvas sinuosas que ora evocam a representação da vegetação tropical, ora revelam ricas padronagens criadas a partir da manipulação de cores e de ferramentas para a aplicação da tinta.

"Luiz Zerbini: a mesma história nunca é a mesma" está em exposição no MASP até 05 de maio de 2022.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



LUIZ ZERBINI

Maremoto, 2022

Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]

200 x 400 cm [78.7 x 157.4 in]

[Reserved]

“Natureza e cultura são dois polos que alimentam nosso olhar ao nos depararmos com a obra de Luiz Zerbini. Mesmo em sua geometria plena de jogos cromáticos entre superfície e profundidade, em suas esculturas cujo mármore se torna não técnica da eternização, mas sensação de movimento, nos desenhos cujo prazer do artista com o jogo entre caneta e papel explode diante de nossos olhos, a força motriz de todos esses trabalhos é a vontade de Zerbini de devorar o mundo através de tintas e transformar natureza e cultura em um espaço único de compreensão das coisas.”

— Fred Coelho

Luiz Zerbini, um cartesianista tropical

“Luiz Zerbini Pinturas”, Casa Daros, 2014

LUIZ ZERBINI
Maremoto, 2022
Detalhe [Detail]





LUIZ ZERBINI
Maremoto, 2022

LUIZ ZERBINI

Viagem, 2017

Óleo sobre papel [Oil on paper]

107 x 80 cm [42.1 x 31.5 in]





LUIZ ZERBINI

Natura, 2017

Óleo sobre papel [Oil on paper]

107 x 80 cm [42.1 x 31.5 in]

Márcia Falcão

Rio de Janeiro, 1985

Marcada pelo gesto e fisicalidade, a pintura de Márcia Falcão articula relações entre o corpo feminino e a cidade, partindo da experiência da própria artista na periferia do Rio de Janeiro, onde nasceu, vive e trabalha. O que se apresenta são composições figurativas numa palheta soturna pautada centralmente por marrons e vermelhos, que se adensam no emprego do óleo, da acrílica, do pastel oleoso e do carvão, com uma maior carga de impasto em regiões específicas. Carregadas de um ethos de violência, entre a gestualidade e a narrativa, surge uma pintura de forte impacto visual.

A exposição individual de Márcia Falcão pode ser visitada no Galpão até 23 de abril.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



MÁRCIA FALCÃO

Samba da roda da saia, 2022

Acrílica, óleo e pastel oleoso sobre tela [Acrylic, oil and oil pastel]

250 x 300 x 3 cm [98.4 x 118.1 x 1.1 in]

[SOLD]

"A pesquisa de Márcia Falcão se movimenta na articulação entre a representação do corpo e dos espaços público e doméstico. Suas imagens exploram a fisicalidade do corpo feminino e suas tensões entre imponência e fragilidade; por outra perspectiva, suas pinturas lançam olhar para a arquitetura informal do Rio de Janeiro e para seu movimento pendular entre lazer e tragédia."

— Raphael Fonseca
Cacos vermelhos
Ensaio crítico, Fortes D'Aloia & Gabriel, 2022

MÁRCIA FALCÃO
Samba da roda da saia, 2022
Detalhe [Detail]





MÁRCIA FALCÃO

Samba da roda da saia, 2022

Detalhe [Detail]



MÁRCIA FALCÃO
Samba da roda da saia, 2022



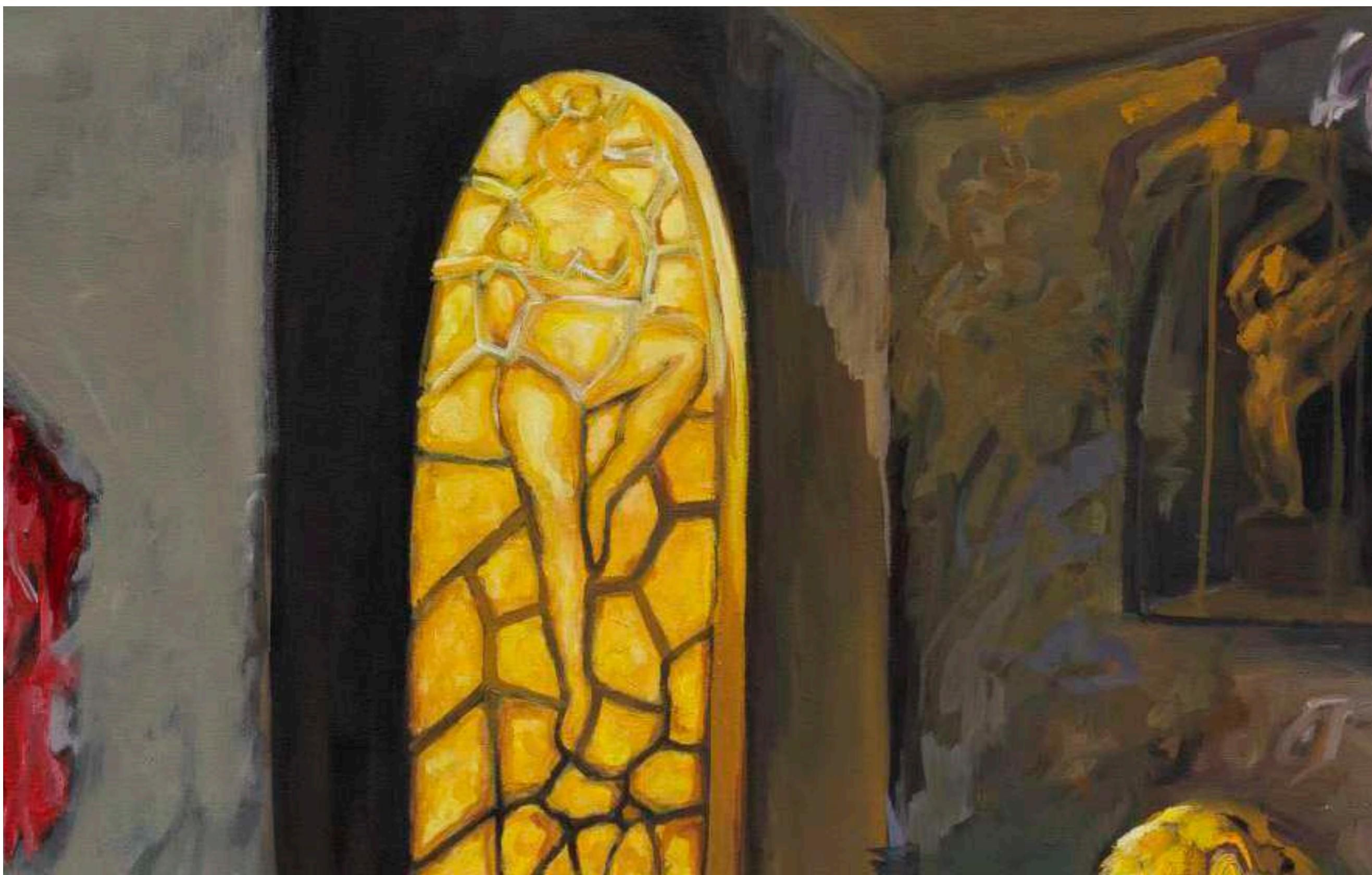
MÁRCIA FALCÃO

Quando a luz é matéria, 2021

Acrílica, óleo e pastel oleoso sobre tela [Acrylic, oil and oil pastel on canvas]

100 x 120 x 3 cm [39,3 x 47,2 x 1,18 in]

[Reserved]



MÁRCIA FALCÃO

Quando a luz é matéria, 2021

Detalhe [Detail]



MÁRCIA FALCÃO

Quando a luz é matéria, 2021

Detalhe [Detail]

Mauro Restiffe

São José do Rio Pardo, 1970

Desde o final da década de 1980, Mauro Restiffe utiliza a fotografia analógica como suporte singular de sua produção artística. A obra de Restiffe, majoritariamente realizada em p&b, abarca uma vasta gama de interesses e investigações, referências da própria fotografia, e também da pintura, do cinema e da literatura. A arquitetura perpassa esses assuntos como palco da vida privada, em momentos precisos e detalhes inesperados, e da vida pública, de um ponto de vista que amplifica e reverbera o simples registro histórico. De instantes capturados de sua vida pessoal a paisagens, dos acontecimentos políticos ao interior de construções modernistas, a fotografia é explorada em seu aspecto físico e material. A granulação característica do artista faz com que suas imagens sejam dotadas de uma temporalidade ambígua, entre o presente e passado.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



MAURO RESTIFFE

Bowie, 2018

Fotografia em emulsão de prata [Gelatin silver print]

70 x 100 cm [27,5 x 39,3 in]

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP

“Entre figuras públicas, algumas mais ou menos públicas e outras anônimas, a obra de Restiffe versa sobre o caráter provisório da história. E este acervo de histórias e memórias preocupa-se tanto com o tempo presente quanto com o deslanchar do futuro. De decisivo, apenas o desconhecido em seu jogo de espelhos entre o antes e o depois, entre o público e o privado, entre a macro e a micropolítica, entre sonho e a instável realidade.”

— Bernardo José de Souza

A inconstância do olhar sobre o mundo

Ensaio crítico, Fortes D'Aloia & Gabriel, 2021

MAURO RESTIFFE

Bowie, 2018

Detalhe [Detail]





MAURO RESTIFFE

FAU, 2014

Fotografia em emulsão de prata [Gelatin silver print]

65 x 97 cm [25 x 38 in]

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP



MAURO RESTIFFE

Studio, 2015

Fotografia em emulsão de prata [Gelatin silver print]

70 x 105 cm [27 x 41 in]

Edição de [Edition of] 5 + 2 AP

Nuno Ramos

São Paulo, 1960

Nuno Ramos é um artista plástico, escritor, dramaturgo e músico brasileiro. Sua trajetória perpassa a geração de artistas nacionais da década de 1980, que deixou um legado não só no âmbito da arte conceitual como no imaginário da cultura popular. Sua obra compõe um apanhado investigativo acerca da história e do sentido da arte nacional; As mídias que utiliza refletem um misto de descontinuidade e hibridismo - notável em seus diferentes estágios artísticos e na alternância radical entre meios, mesmo que com preocupações conceituais similares.

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)

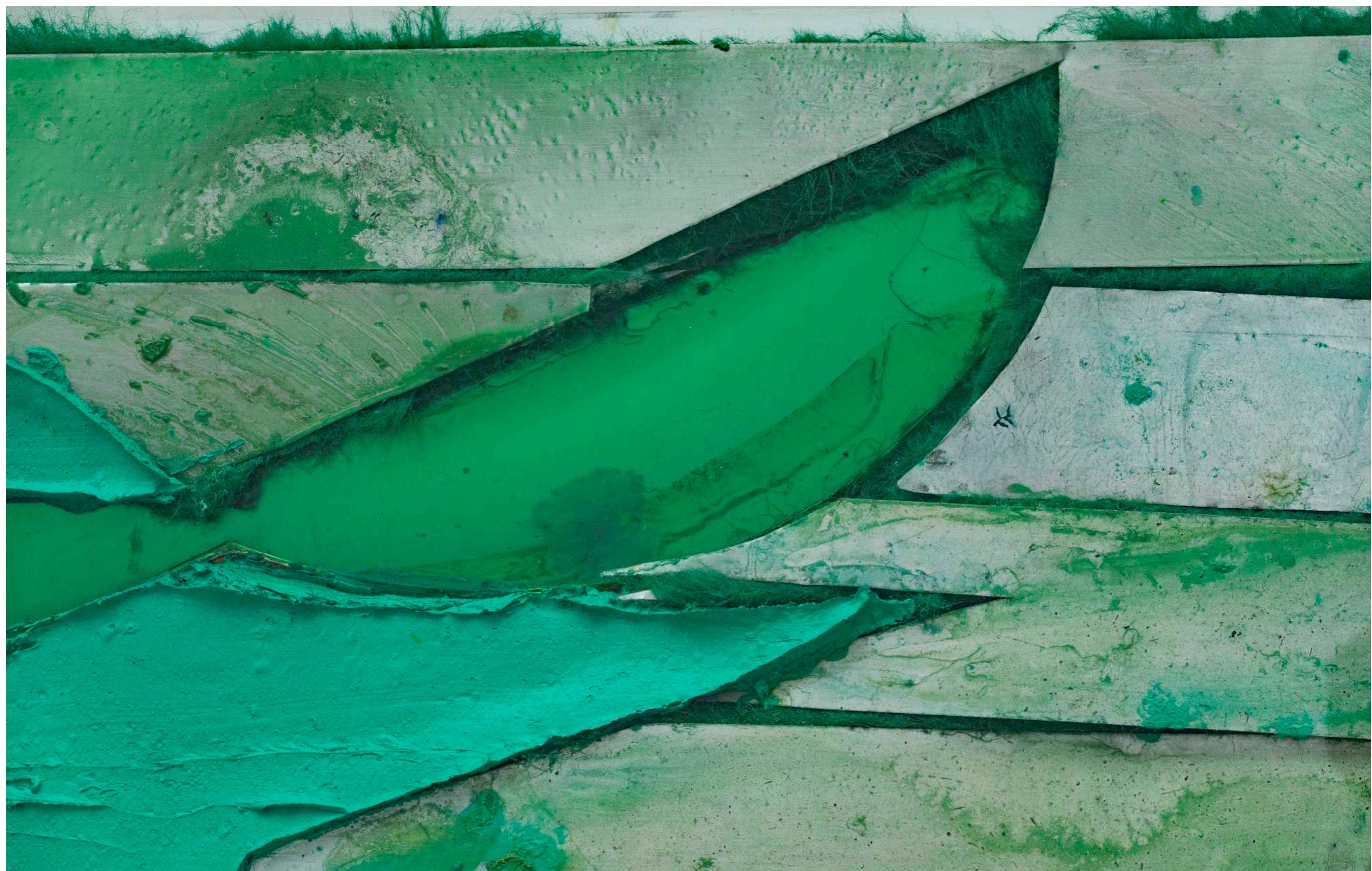


NUNO RAMOS

Sem título (provisório), 2021

Pelúcia, alumínio, óleo, espelho e acrílico sobre madeira [Plush, aluminum, oil, mirror and acrylic on wood]

Emoldurada [Framed]: 81 x 176 cm | Sem moldura [Unframed]: 60 x 170 cm



NUNO RAMOS
Sem título (provisório), 2021
Detalhe [Detail]



NUNO RAMOS
Sem título (provisório), 2021



NUNO RAMOS

Sem título (provisório), 2021

Pelúcia, alumínio, óleo, espelho e acrílico sobre madeira [Plush, aluminum, oil, mirror and acrylic on wood]

Emoldurada [Framed]: 81 x 176 cm | Sem moldura [Unframed]: 60 x 170 cm



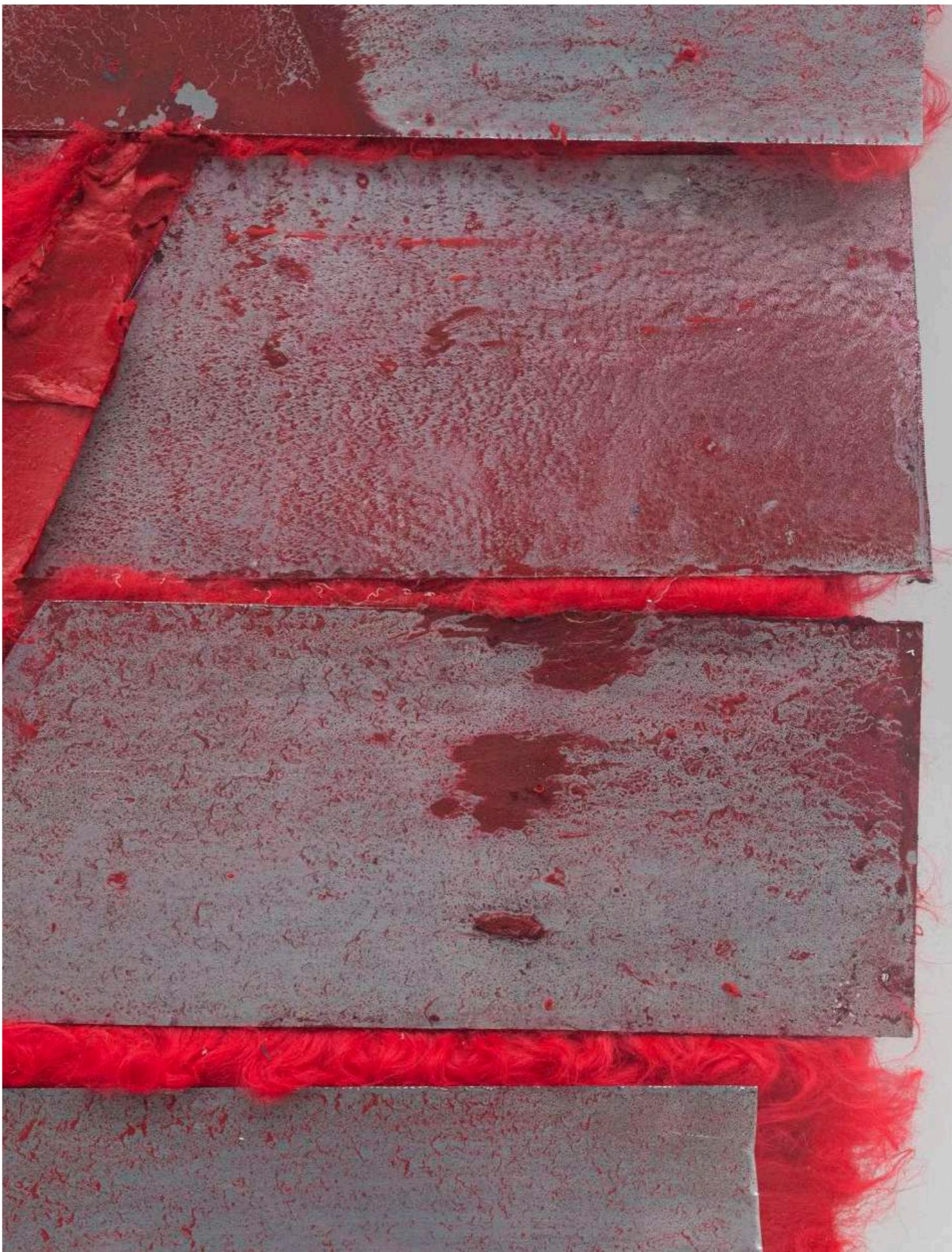
NUNO RAMOS
Sem título (provisório), 2021
Detalhe [Detail]

"Dar continuidade ao descontínuo, ao limitado, é o modo como a obra de Nuno Ramos trabalha com suas partes ou ainda seus fragmentos. Que essa continuidade seja de ordem poética e não real é algo que desafia Nuno Ramos e é, ao mesmo tempo, aceito por ele. O mundo que sua obra exala é da ordem do encantamento, mas de um encanto posto pelas obras"

- Alberto Tassinari

Nuno Ramos,
Editora Cobogó, 2010

NUNO RAMOS
Sem título (provisório), 2021
Detalhe [Detail]





NUNO RAMOS
Sem título (provisorio), 2021

OSGEMEOS

São Paulo, 1974

A obra de OSGEMEOS — dupla formada pelos irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo — é frequentemente caracterizada por um estilo figurativo, imediatamente reconhecível, que tem origem em suas pinturas murais nas ruas de São Paulo. No entanto, um olhar mais atento revela também uma atenção especial no emprego da abstração geométrica, presente nos padrões coloridos que estampam seus cenários e as roupas de seus típicos personagens amarelos.

[Clique aqui para mais informações sobre os artistas](#)



OSGEMEOS

Aurora boreal, 2022

Técnica mista com lantejoulas sobre placa de MDF

[Mixed media with sequins on MDF board]

204 x 164 x 11 cm

[80,3 x 64,5 x 4,3 in]

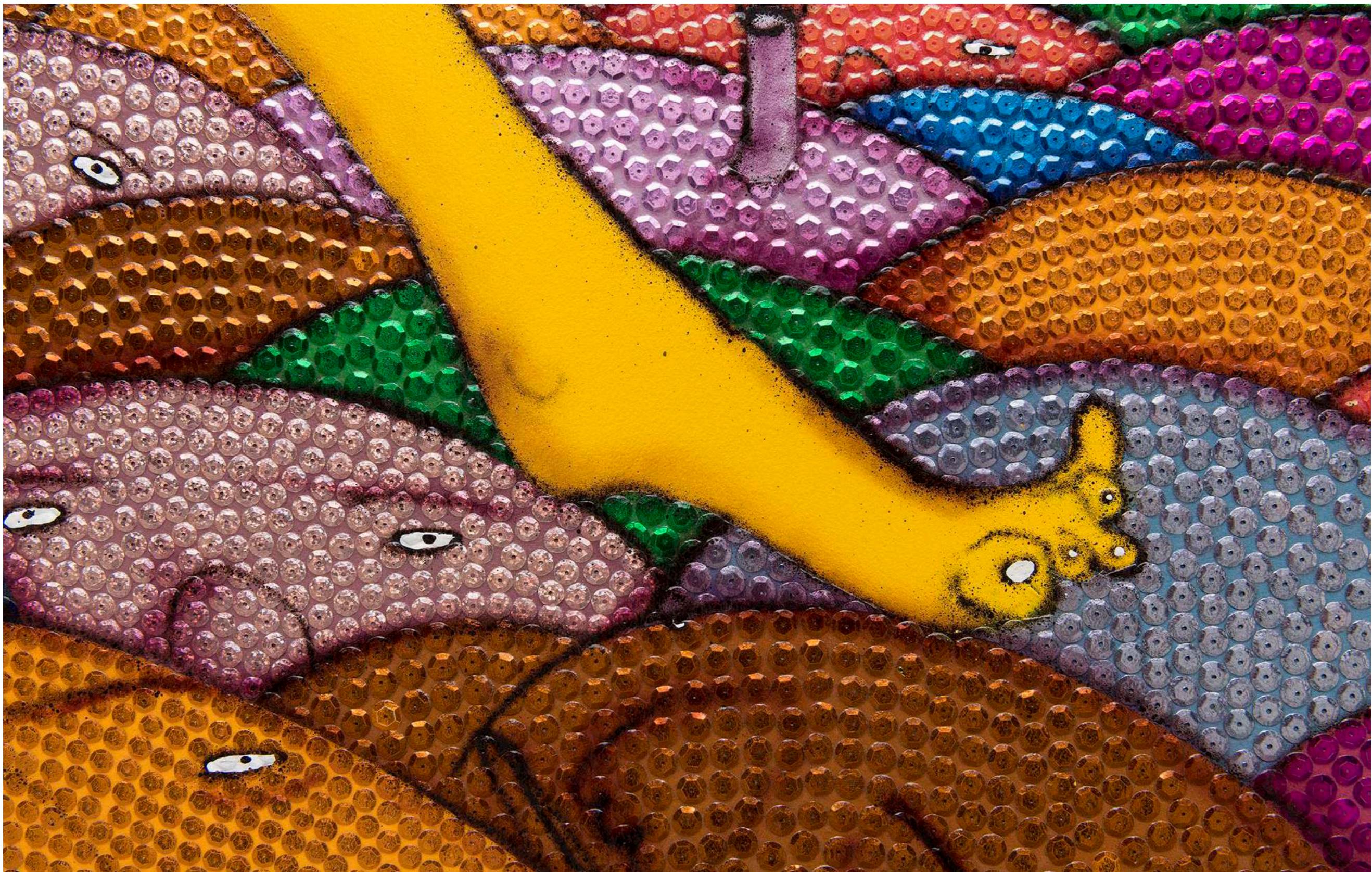
[Reserved]



OSGEMEOS

Aurora boreal, 2022

Detalhe [Detail]



OSGEMEOS

Aurora boreal, 2022

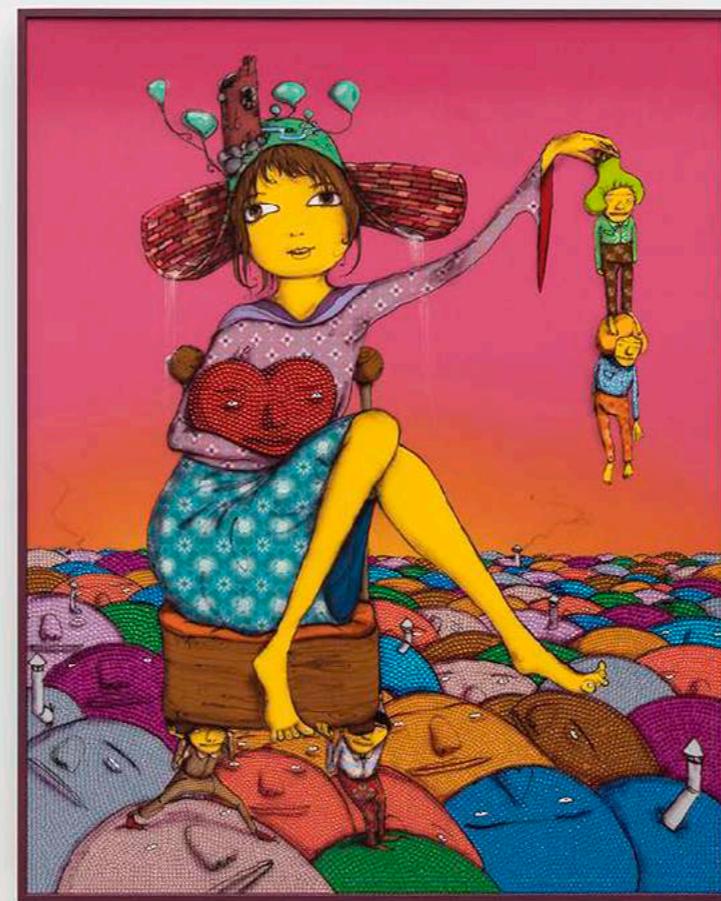
Detalhe [Detail]

"O trabalho que os dois desenvolvem não tem limitações. A busca pode ser espiritual, pode ser pelo hip-hop, pela dança e pelo grafismo. Tudo isso alimenta a procura de uma linguagem própria."

— Joschen Volz

OSGEMEOS
Aurora boreal, 2022
Detalhe [Detail]





OSGEMEOS
Aurora boreal, 2022

Rivane Neuenschwander

Belo Horizonte, 1967

A obra de Rivane Neuenschwander arquiteta um delicado e poderoso exercício de olhar acerca do mundo que nos rodeia. Privilegiando as minúcias, os restos — tudo aquilo que é mundano e, à primeira vista, carente de utilidade direta ou valor de uso — a artista articula interesses oriundos de campos diversos em desenhos, instalações, fotografias, esculturas e vídeos. Suas pesquisas originam-se de insuspeitados cruzamentos entre o campo da arte e da ciência, antropologia, psicanálise, semiótica e linguística. Suas obras demonstram de maneira silenciosa um desejo de reconhecer tudo aquilo que reside nas entrelinhas, nos lapsos da linguagem e da percepção, de modo a revelar camadas múltiplas de interpretação de nós mesmos e do que nos circunda.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)

RIVANE NEUENSCHWANDER

C.R. (Judo Belt), 2015

100 faixas de judô e linha de bordado

[100 cotton judo belts, embroidery thread]

231 x 231 cm [91 x 91 in]



"Valendo-se de diversas formas de expressão (instalações, filmes, construção de objetos), a artista torna manifesto o que na vida cotidiana é mero rumor, fragmento ou vislumbre. Para tanto, porém, nenhum elogio é feito à fragilidade ou contingência, já que seu trabalho não se preocupa em criar um refúgio do desconforto que se pode sentir na vida. Há, pelo contrário, o desejo de dar a devida força ao incessante murmúrio das pequenas coisas que tanto formam como habitam este mundo, seja uma palavra, um gesto, uma imagem ou um momento."

— Moacir dos Anjos
MAMAM, 2003

RIVANE NEUENSCHWANDER
C.R. (Judo Belt), 2015
Detalhe [Detail]





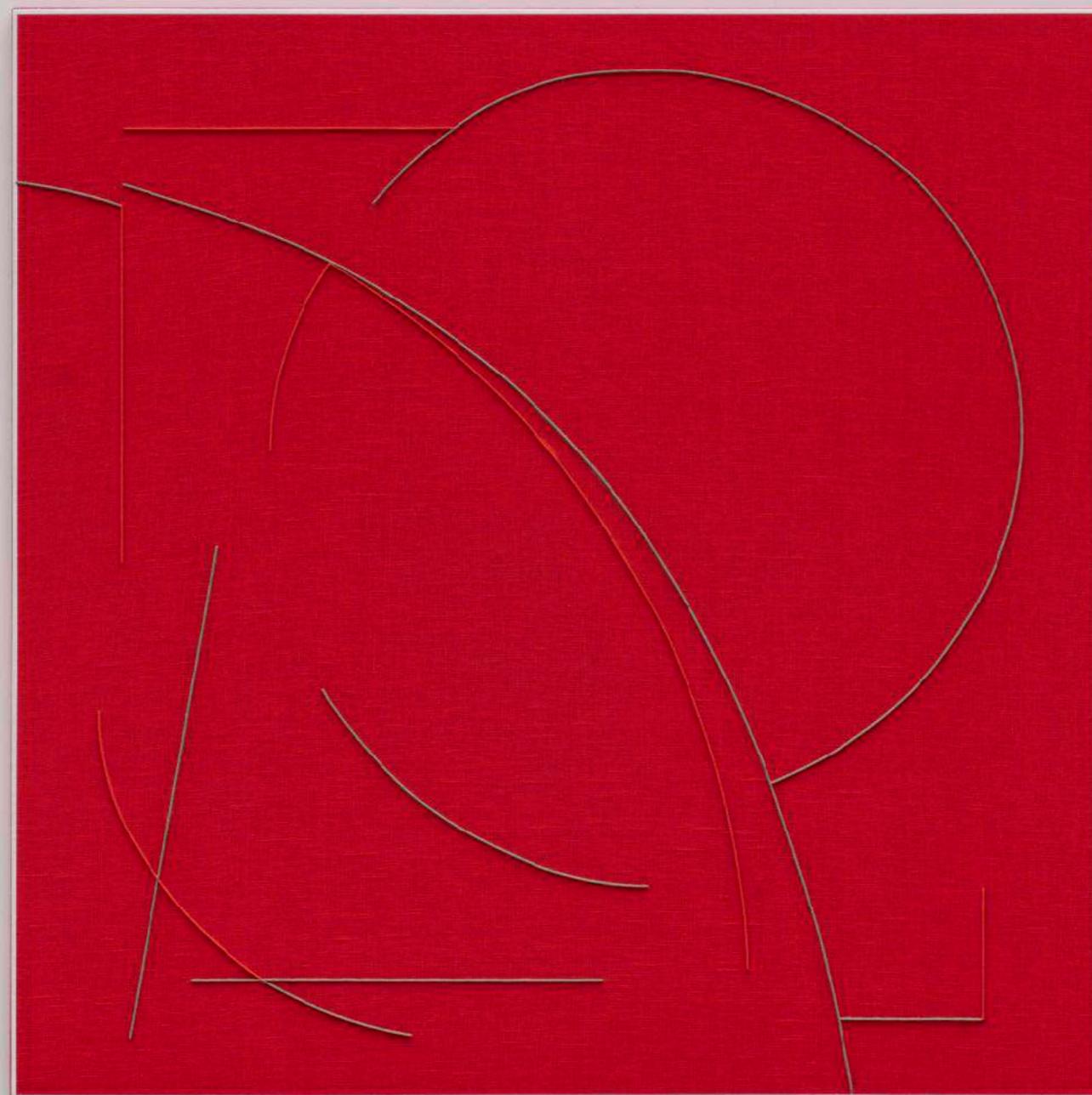
RIVANE NEUENSCHWANDER
C.R. (Judo Belt), 2015

Rodrigo Cass

São Paulo, 1983

Em sua produção artística, Rodrigo Cass dialoga com a tradição construtiva da arte brasileira por meio de um vocabulário pautado por investigações formais que aludem aos experimentos concretos e neoconcretos das décadas de 1960 e 1970. A superfície monocromática de suas pinturas é interrompida por traços de concretometiculosa mente aplicados para criar margens e intervalos, momentos de pausa e silêncio.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



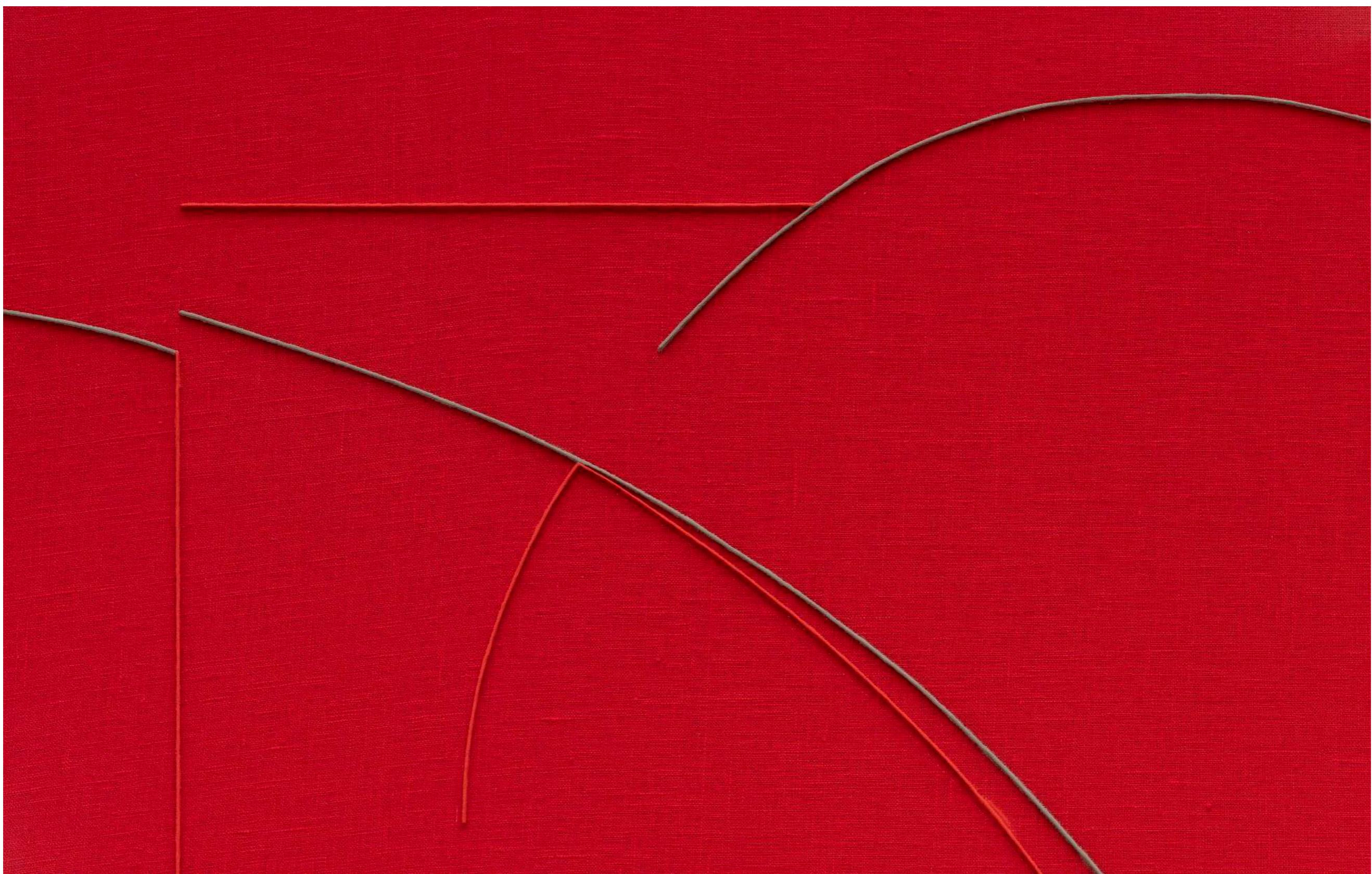
RODRIGO CASS

Revolução ao redor, 2022

Concreto sobre linho [Concrete on linen]

100 x 100 cm [39,3 x 39,3 in]

[SOLD]



RODRIGO CASS
Revolução ao redor, 2022
Detalhe [Detail]

“Na contramão de trabalhos estritamente conceituais, nos quais a dimensão sensível é rebaixada, Cass interessa-se por um embate com a concretude das coisas, extraindo de suas qualidades, cor, textura, peso, função, os alicerces dos quais nascem os enunciados da obra.”

— Luisa Duarte
Material Manifesto
Galeria Fortes Vilaça, 2014



RODRIGO CASS
Revolução ao redor, 2022

Sarah Morris

Sevenoaks, Inglaterra, 1967

Utilizando-se de uma vasta gama de referências que vão da arquitetura ao desenho industrial, passando pela iconografia cartográfica, pela linguagem, pelos diagramas sociológicos e teorias dos sistemas e dos jogos, as pinturas de Sarah Morris aludem a estruturas e sistemas feitos pelo homem de cidades ao redor do mundo e examinam a ideologia do capitalismo tardio e seus efeitos no planejamento urbano e na burocracia social.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



SARAH MORRIS

Dilemma [Spiderweb], 2021

Esmalte sobre tela [Household gloss on canvas]

90 x 122 cm [35,4 x 48 in]

"Durante esse tempo [de isolamento social], comecei a pensar na escala em relação à cidade. Por um lado, a densidade da população foi motivo de preocupação com a pandemia. Por outro lado, a cidade de repente parecia abandonada. Ao mesmo tempo, tornei-me mais consciente dos detalhes em meus novos ambientes e fiquei fascinada com as teias de aranha, suas construções, sua improvisação e seu tipo de engenhosidade. Eu tirei muitas fotos dessas teias, pensando nessa microescala. De repente, vi a cidade como uma entidade orgânica – sim, é feita pelo homem, mas é orgânica no sentido de que é permeável e vulnerável. Como qualquer outra estrutura na Terra, ela pode simplesmente desaparecer de repente ou ficar extremamente ameaçada. Uma cidade é uma forma frágil, uma forma efêmera, que pode ser esvaziada e depois novamente congestionada ou condensada."

— Sarah Morris
Em depoimento à Katie White
Artnet, 2022

SARAH MORRIS
Dilemma [Spiderweb], 2021
Detalhe [Detail]





SARAH MORRIS
Dilemma [Spiderweb], 2021

Tiago Carneiro da Cunha

São Paulo, 1973

Em suas pinturas recentes, Tiago Carneiro da Cunha investiga o uso de aparatos variados em seu processo, utilizando espátulas, pincéis de diferentes formatos e dimensões e sua própria mão em composições que se dão a partir de um ponto focal no centro da tela e que ganham corpo a partir do acaso e do improviso – e até mesmo do erro. Lançando mão de um humor corrosivo – marca frequente de sua produção – o artista cria figuras híbridas, seres que parecem habitar cenários apocalípticos. Seu interesse pela linguagem do cartoon torna-se evidente em telas em que o artista lança mão da caricatura como poderoso instrumento de tradução visual de determinada situação fantástica ou absurda.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



TIAGO CARNEIRO DA CUNHA

Banana, 2019

Óleo sobre tela [Oil on canvas]

42 x 65 cm [16 x 25 in]

"A minha pintura deixa o gesto muito marcado, explora e se diverte com ele, em uma tentativa de se transformar numa parte expressiva e emotiva da composição. Em minhas produções mais recentes, busco entender como funcionam algumas composições de fotografia de cinema que gosto e uso isso junto com outras referências de História da Arte com muito humor e muita ambiguidade."

— Tiago Carneiro da Cunha
ArtRio Canal CURTA!, 2021



TIAGO CARNEIRO DA CUNHA
Banana, 2019

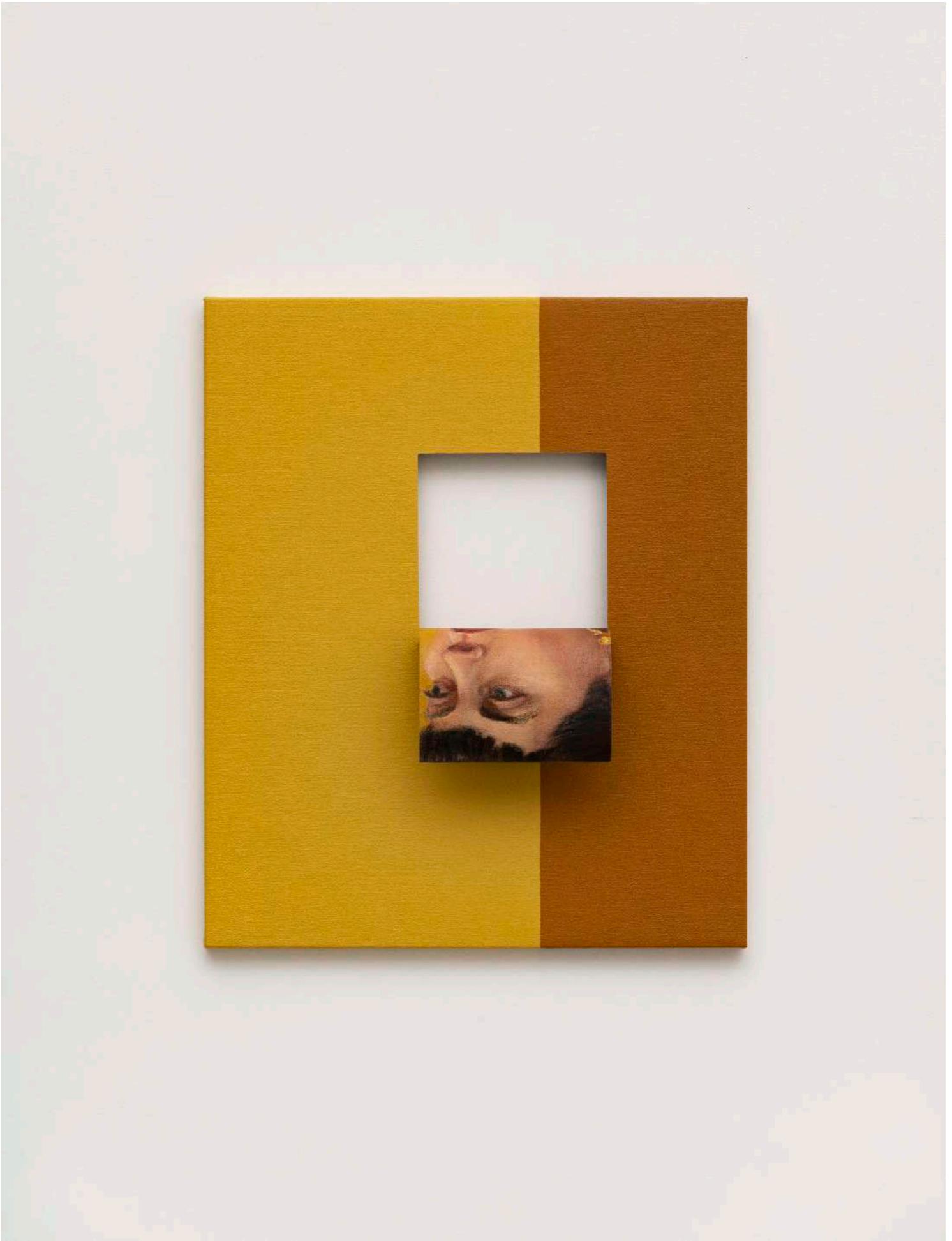
Valeska Soares

Belo Horizonte, 1957

As esculturas e instalações de Valeska Soares utilizam uma ampla gama de materiais – incluindo espelhos refletivos, livros e móveis antigos, mármore esculpido, frascos de perfume – e se baseiam tanto em sua formação em arquitetura quanto nas ferramentas do Minimalismo e Conceitualismo. O trabalho de Soares evoca temas do desejo, da intimidade, da linguagem, da perda, da memória pessoal e da história coletiva. A artista frequentemente explora a especificidade do local e o ponto de transição de um estado físico ou psicológico para outro. Na série 'Doubleface' (2018-2021), Soares reúne retratos anônimos de mulheres de antiquários – quadros que já fizeram parte do universo afetivo e doméstico de alguém – e opta por exibir a parte de trás pintadas monocromaticamente com uma ou duas cores derivadas da composição original as quais também dão nome às obras. O distanciamento sugerido pelos títulos contraria o desejo dos espectadores de recriar histórias para esses personagens fragmentados para preencher as lacunas criadas pelo artista.

Valeska Soares abre exposição individual no Galpão em junho.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



VALESKA SOARES

Doubleface (Woman with Shoulder Bare), 2021

Óleo e recorte sobre pintura vintage a óleo

[Oil paint and cutout on vintage oil painting]

61 x 50,8 cm [24 x 20 in]

[Reserved]

“Soares não teme a efemeridade. Muito de sua obra baseia-se na convicção de que a transformação exige destruição e que a tradução sempre envolve perda. Tanto os materiais quanto as palavras são irremediavelmente imprecisos quando se trata de comunicar em retrospecto sensações indistintas.”

— Jens Hoffmann

Valeska Soares

Editora Cobogó, 2016

VALESKA SOARES

Doubleface (Woman with Shoulder Bare), 2021





VALESKA SOARES

Doubleface (Woman with Shoulder Bare), 2021

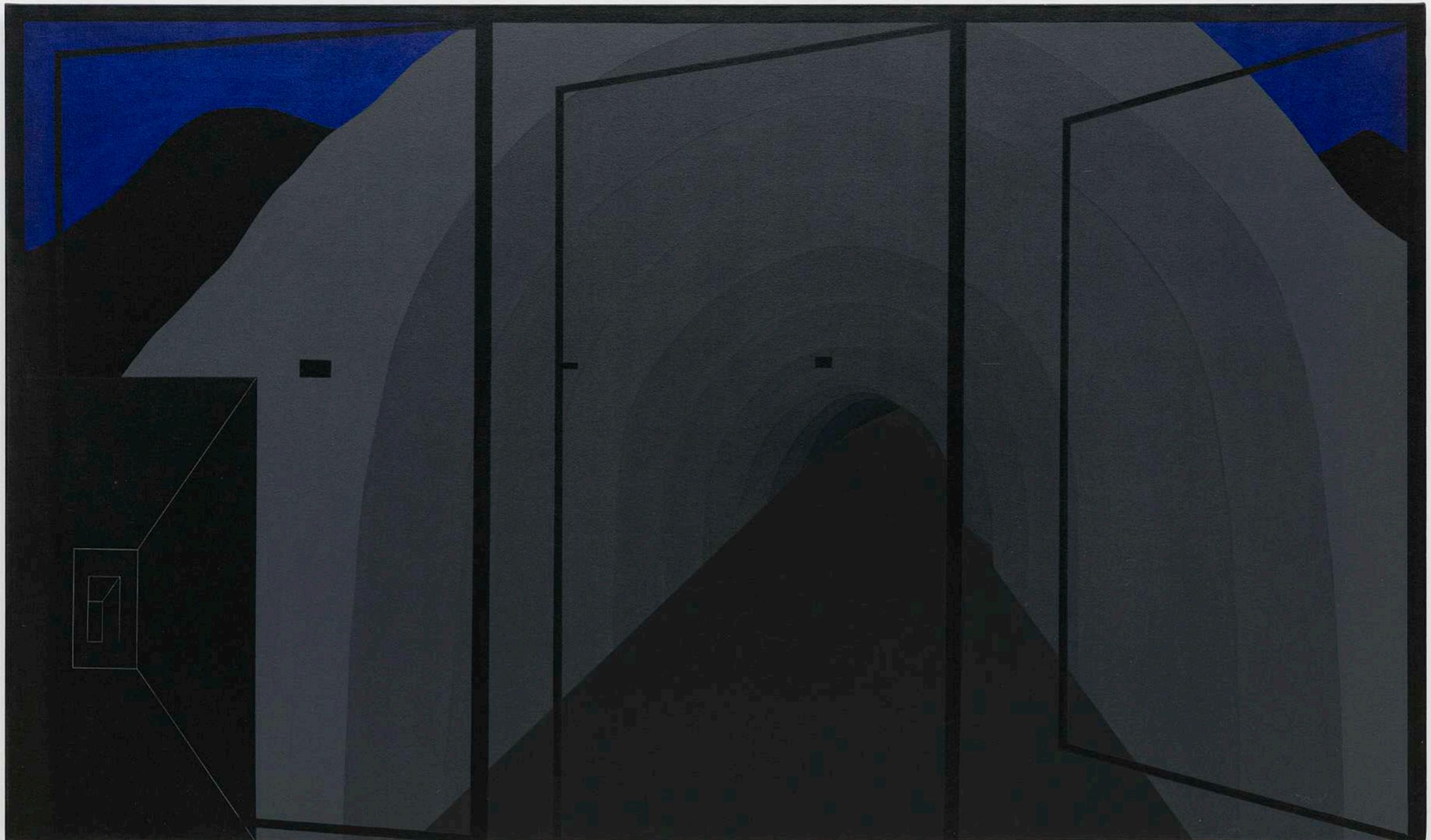
Wanda Pimentel

Rio de Janeiro, 1943 – Rio de Janeiro, 2019

Wanda Pimentel foi figura central do movimento artístico brasileiro dos anos 1960 conhecido como “Nova Figuração Brasileira”, que guarda uma afinidade inegável com a Pop Art e o Novo Realismo. Pimentel desenvolveu um léxico de ambientes arquitetônicos geometrizados, fragmentos de corpos femininos e objetos domésticos pintados em cores fortes e linhas formais. O trabalho ressoa sentimentos claustrofóbicos, e a imagética estabelece uma metáfora da opressão política e sexual dos anos da ditadura militar no Brasil através das décadas de 1960, 70 e 80. Em um período posterior, a artista depurou sua paleta pictórica e o uso de elementos figurativos empregando linhas ainda mais rigorosas em composições escuras. Em suas séries icônicas como *Bueiro*, *Portas* e *Memórias*, a artista mescla uma figuração inquietante de problemas que ecoam no mundo exterior com elementos autobiográficos, explicitando a sua condição de mulher e corpo político em períodos de autoritarismo.

Wanda Pimentel terá exposição individual dedicada a sua obra a partir de maio, no Galpão.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



WANDA PIMENTEL

Sem Título | Untitled, 1994

Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]

120 x 200 cm [47,2 x 78,7 in]

"Do corpo ao objeto, do objeto à casa, da casa à rua, da rua à montanha. Temos aí um percurso lógico que indica como a artista foi se acercando do mundo, conhecendo a realidade ao seu redor. [...] Seu olhar ganhou liberdade para "andarilhar" nos longes da paisagem, acima do asfalto, dos postes e da fiação elétrica, do aglomerado dos edifícios. A brisa adentra a casa. Uma alegria nova, serena, madura, preenche os espaços da casa, afastando-se de vez dos fantasmas e medos."

- Frederico Morais

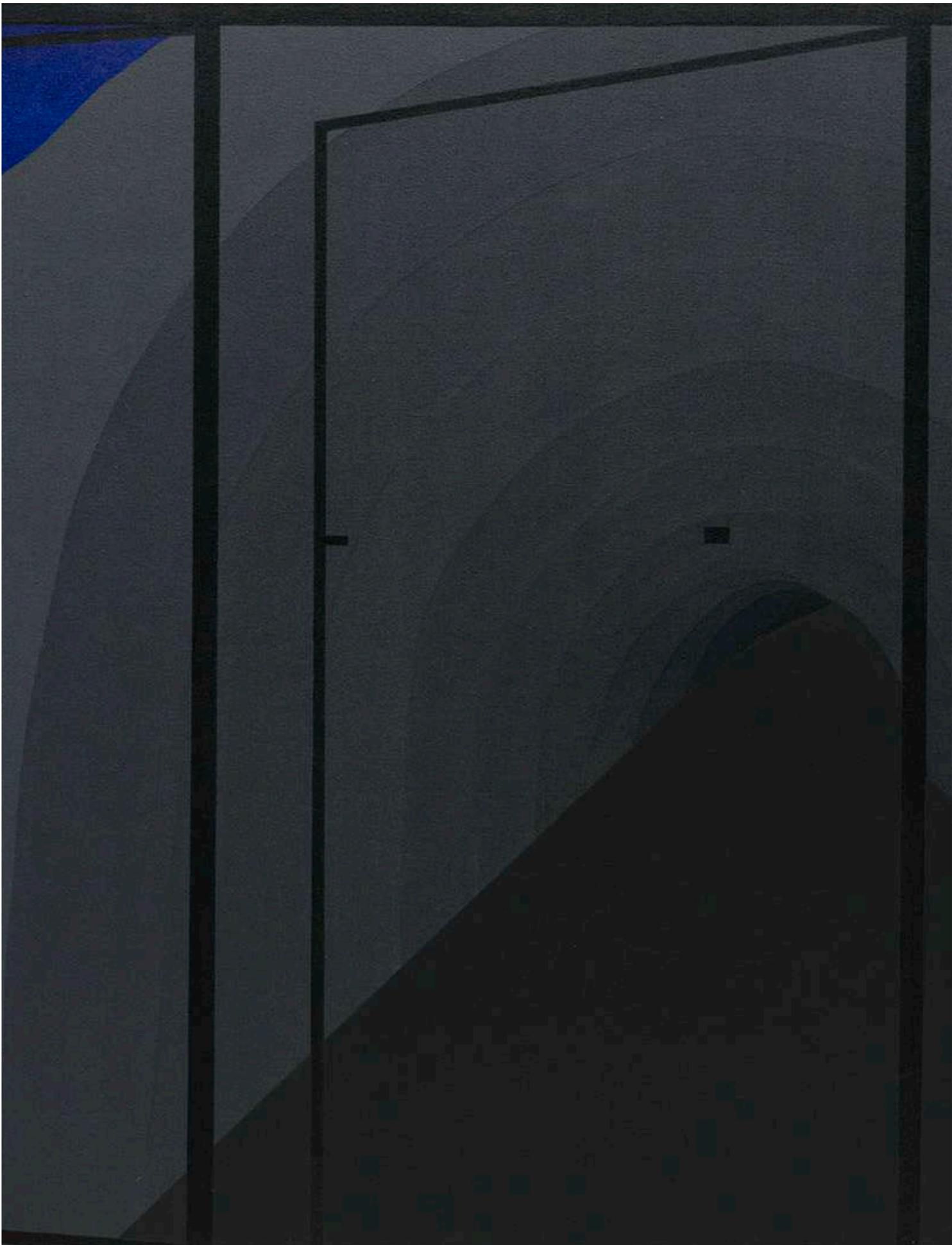
Wanda Pimentel

S. Roesler Edição de Arte, 2012

WANDA PIMENTEL

Sem Título | Untitled, 1994

Detalhe [Detail]





WANDA PIMENTEL
Sem Título | Untitled, 1994

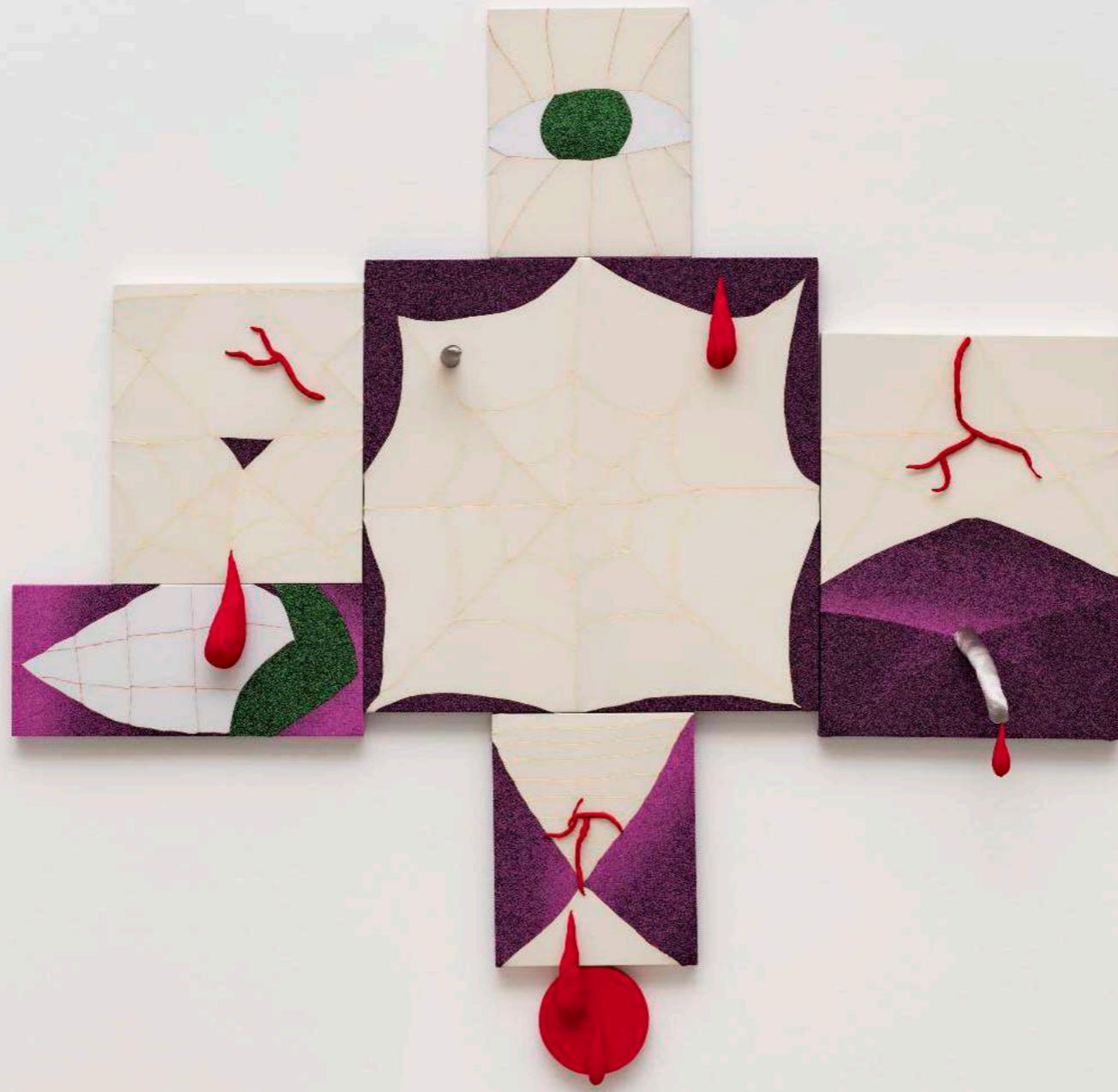
Yuli Yamagata

São Paulo, 1989

A produção de Yuli Yamagata opera em um fluxo peculiar entre a figuração e a abstração, em trabalhos que empregam materiais têxteis e objetos cotidianos de origens das mais diversas. A artista se inspira tanto na cultura de massa quanto em um imaginário onírico para conceber criaturas híbridas - parte humanas, parte animais, parte monstros - geralmente representadas por fragmentos. O fazer de sua obra é pautado pela experiência tátil, pela construção de volumes e fragmentos gerando imagens corpóreas que projetam-se da tela diretamente para o espaço.

'Afasta Nefasta' — primeira exposição individual de Yuli Yamagata na Itália — está em exposição na Ordet até 28 de maio.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



YULI YAMAGATA

Web, 2022

Elastano, seda, fibra siliconada, chassi [Elastane, silk, silicon fiber, chassis]

215 x 220 x 24 cm [84,6 x 86,6 x 9,4 in]

[SOLD]

“Ao justapor a técnica japonesa milenar ao tecido industrial, Yamagata apresenta por uma via pop sua crítica à velocidade de produção e descarte da indústria têxtil.”

— Fernanda Brenner

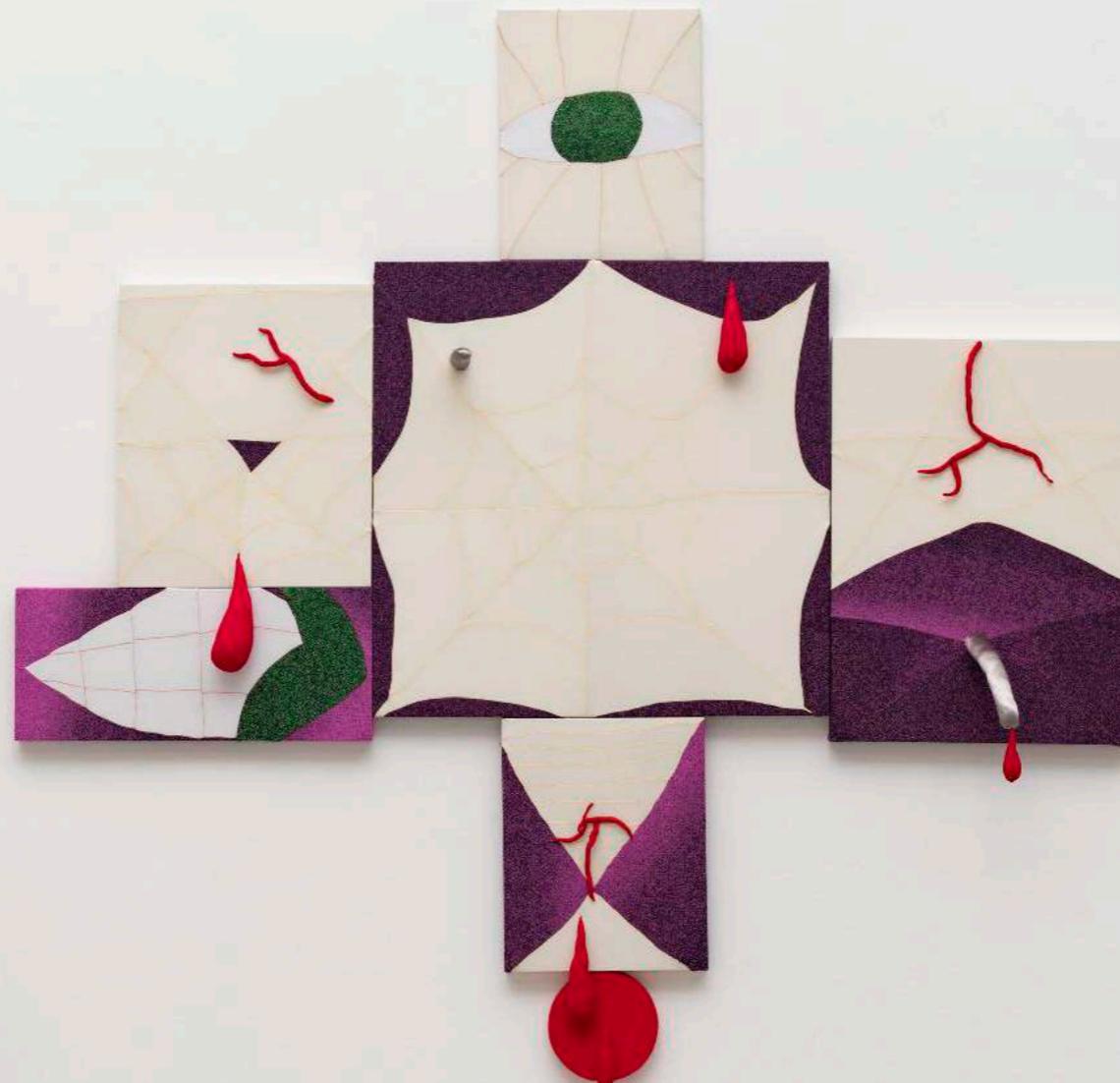
Ikebana zumbi e o polvo insone se encontram na geleia da existência

Ensaio crítico, Fortes D'Aloia & Gabriel, 2021





YULI YAMAGATA
Web, 2022
Detailhe [Detail]



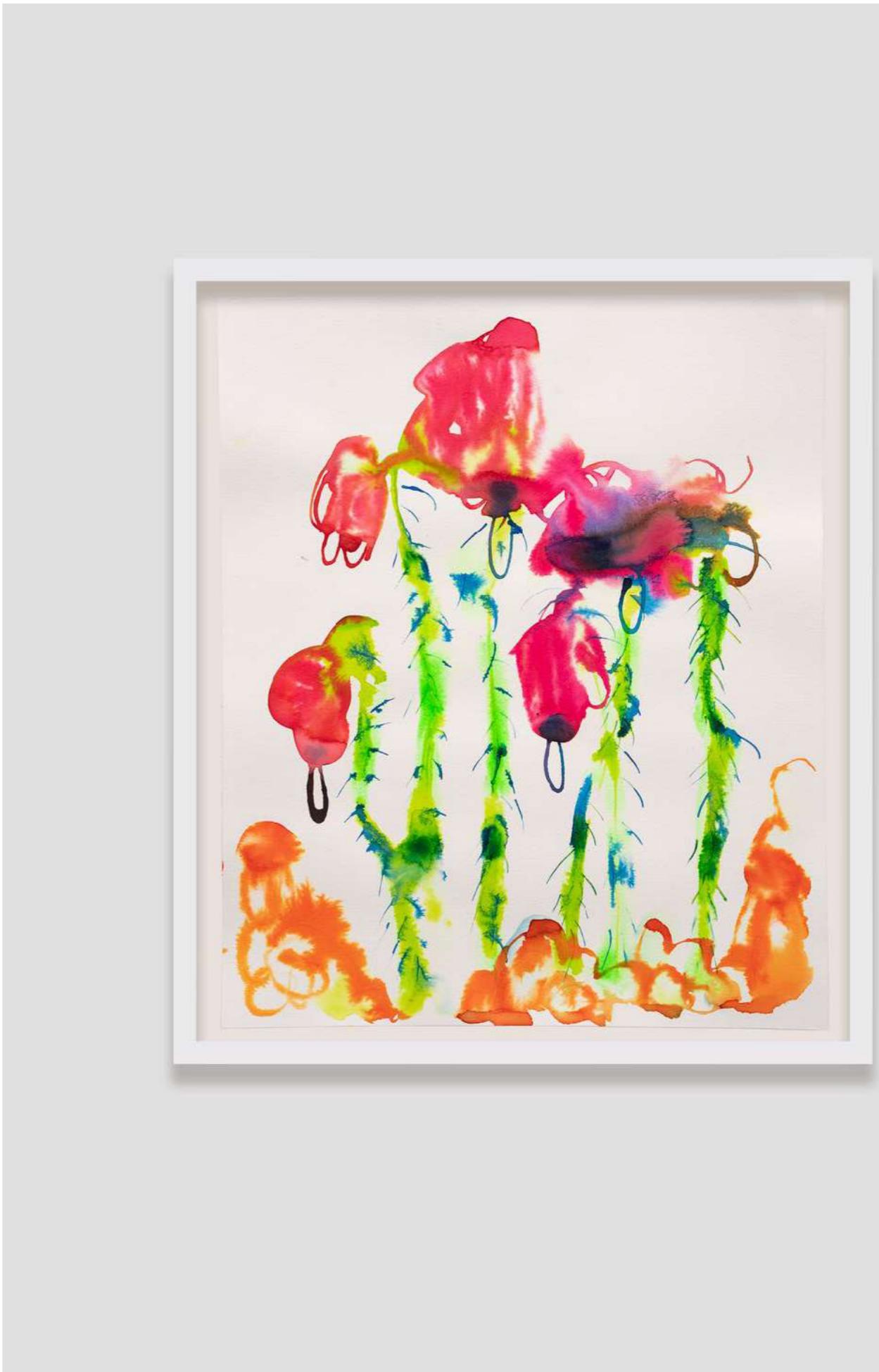
YULI YAMAGATA
Web, 2022

YULI YAMAGATA

Blobs II, 2022

Ecoline sobre papel algodão [Ecoline on cotton paper]

42 x 30 cm [16,5 x 11,8 in]



YULI YAMAGATA

Blobs III, 2022

Ecoline sobre papel algodão [Ecoline on cotton paper]

42 x 30 cm [16,5 x 11,8 in]

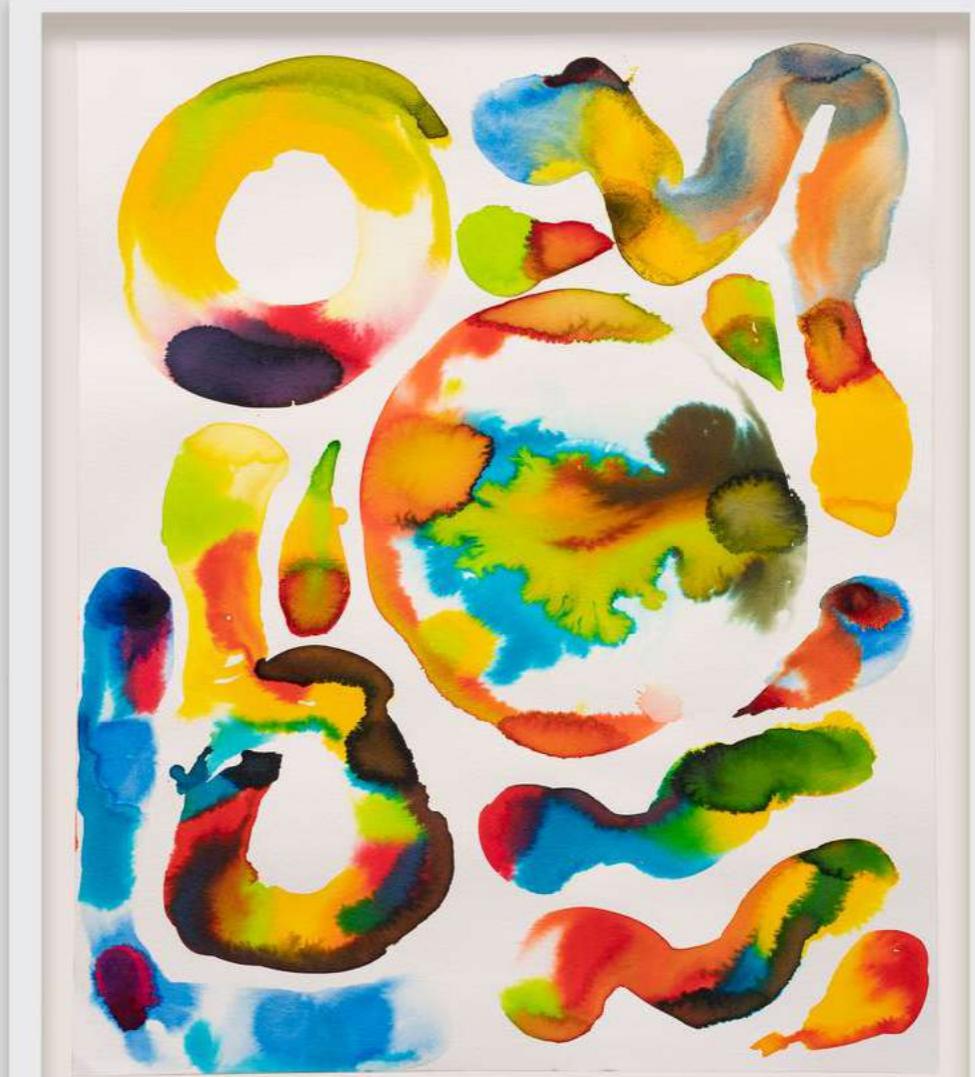


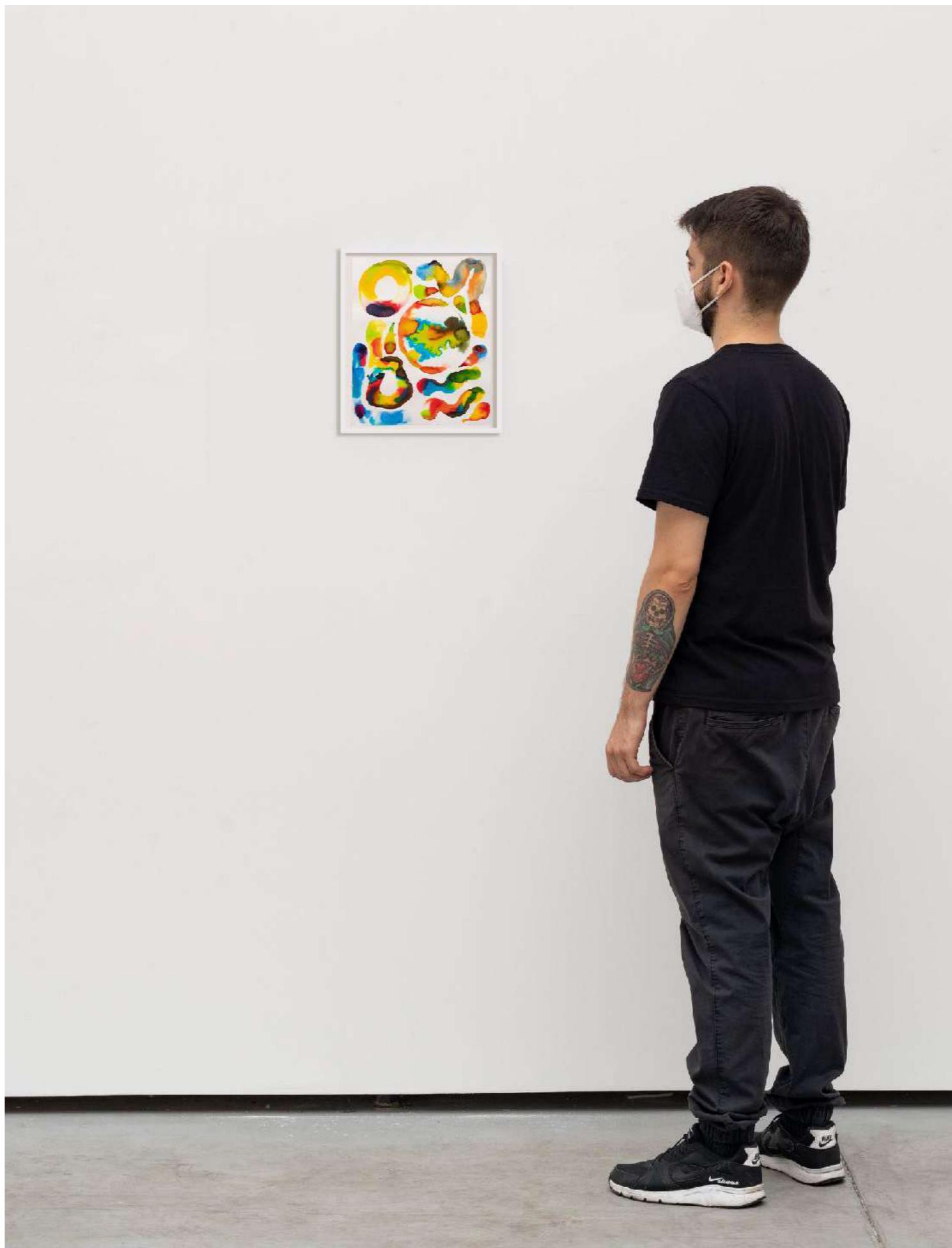
YULI YAMAGATA

Blobs I, 2022

Ecoline sobre papel algodão [Ecoline on cotton paper]

42 x 30 cm [16,5 x 11,8 in]





YULI YAMAGATA
Blobs I, 2022

Fortes D'Aloia & Gabriel

www.fdag.com.br | info@fdag.com.br

Galpão

Rua James Holland 71
01138-000 São Paulo Brasil

Carpintaria

Rua Jardim Botânico 971
22470-051 Rio de Janeiro Brasil